

Luiz Santo Inácio

Um Itinerário Espiritual com Paulo de Tarso e Bernardo de Claraval

Ascese e Mística
Teologia Espiritual

No ano dedicado ao Eucharisticum Mysterium
A . D . 2004 - 2005

Luiz Santo Inácio

Um Itinerário Espiritual com Paulo de Tarso e Bernardo de Claraval

Ascese e Mística
Teologia Espiritual

No ano dedicado ao Eucharisticum Mysterium
A . D . 2004 - 2005

1ª Edição

À minha mãe,
Maria Ionar Solidade Silva

Ao
Eucharisticum Mysterium

À S. Emcia. Revma.
Dom Eugênio de Araújo Sales,
Cardeal Presbítero da Santa Igreja

À S. Excia Revma.
Dom Karl Josef Romer,
Secretário do Pontifício Conselho para a
Família

A S. Revcia.
Dom Estêvão Tavares Bettencourt, osb
Insigne Mestre e então Diretor da Seção
Noturna do ISTARJ

Introdução

O programa de vida cristã que São Pulo lança para todo batizado é proposto também por Jesus no revolucionário discurso inaugural do Reino de Deus: *“Deveis ser perfeitos como o Pai celeste é perfeito”*.¹ Isto exige uma cultura espiritual. E, como alcançar o cume da perfeição cristã? Existe algum método? Quais os meios apropriados para esse trabalho? Fala-se de perfeição e de santidade. É a mesma coisa?

Para os que pretendem engajar-se totalmente no serviço do Reino de Deus e seguir a Jesus Cristo encarnado mais de perto a Igreja exige o estudo da Teologia Espiritual e, mais que isso, a experiência pessoal da vida ascética e mística para tornarem-se pessoas qualificadas *“para toda boa obra”*, diz São Paulo.² Amanhã vocês serão Pastores de cristãos e como Mestres deverão saber guiar o Povo de Deus *“pelos prados e campinas verdejantes”*³ e não basta dizer o que é preciso fazer mas, como Paulo, convidá-los: *“Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo”*.⁴

Pressupõe-se, portanto, não só o exato conhecimento dos princípios essenciais da **Odegédiga**, isto é, a arte de conduzir as almas mas também a pessoal exuberância da vida interior, da piedade, do equilíbrio emocional, do domínio das paixões, da intimidade com o Senhor, do exercício das virtudes, do caminho régio da caridade.

Métodos, há muitos! Talvez o melhor é o método bíblico seguido por Paulo e proposto a todos. Diz o Apóstolo aos tessalonicenses: *“Vos convertestes dos ídolos a Deus para*

servirdes ao Deus vivo e verdadeiro".⁵ Ponto de partida obrigatório!

*Trata-se de formar o ser humano, antes de tudo, homem e mulher, e levá-lo à maturidade plena não somente espiritual, mas também humana: "sinceridade, justiça, fidelidade às promessas"*⁶. "*O ideal a ser alcançado na formação espiritual é a conformação com o Senhor crucificado*"⁷ e ressuscitado.

As fontes da Teologia Espiritual são àquelas indicadas pela Igreja:

- ◆ **A Sagrada Escritura;**
- ◆ **O Magistério, isto é, o ensinamento da Igreja;**
- ◆ **Os escritos dos Santos Padres e Doutores da Igreja;**
- ◆ **A Vida dos Santos e Santas;**
- ◆ **A Sagrada Liturgia, sobretudo na Eucaristia;**
- ◆ **A celebração dos Sacramentos;**
- ◆ **A devota celebração do Ofício divino.**

Para São Bernardo o Mosteiro é "*A Escola do Espírito*" onde se aprende "*a bondade, a disciplina, a sabedoria*" e goza-se da "*intimidade do Espírito Santo*".⁸

A Teologia Espiritual é chamada também **ciência da perfeição cristã** e tem a capacidade "**abrangente**" por ser ao mesmo tempo **teórica e prática**.

“Se conhecesses o Dom de Deus!”

(Jo 4, 10)

A santidade cristã é aquele “**tesouro escondido no campo**” do qual fala Mateus e que desperta o interesse no homem, o qual não compra o tesouro, mas compra o campo.⁹ Vamos, pois, comprar este campo sem nada pagar porque é Dom, diz o profeta Isaías; e, preparemo-nos para explorá-lo as riquezas e depois cumprir com os deveres exigidos.

Diz Isaías:

*“Todos que tendes sede, vinde à água.
Vós, que não tendes dinheiro, vinde,
comprai e comei; comprai, sem dinheiro
e sem pagar...”¹⁰*

A vida sobrenatural

A vida sobrenatural tem início com o Dom da graça santificante. É dada no batismo e quando perdida pelo pecado grave recupera-se pela penitência, isto é, conversão a Deus “*desprezado*”¹¹ por aquele que escolhe contra Deus.

A graça vem a ser o **fundamento espiritual** para o cristão poder agir sobrenaturalmente porque enxertando-se na essência da alma eleva, por assim dizer, ontologicamente o homem tornando-o **filho** do Pai, **irmão** de Cristo, **espiritual** no Espírito, verdadeiramente **santo**, **imagem** do Senhor, **súdito** do Reino, **testemunha** da Cidade celeste, **perfeito** no sentido radical, **símbolo escatológico** da Comunidade

dos eleitos, **louvor** da Trindade, **resplendor** da Igreja¹². A graça é o maior Dom do Pai ao ser humano e vale a pena lutar e sofrer por ela: *“A vossa graça vale mais do que a vida”*¹³ e é a razão da vinda do Filho à terra: *“Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância”*.¹⁴

A graça é uma **disponibilidade** que por si não está ordenada a agir. Sendo uma **qualidade divina** faz do batizado participante, de maneira real, embora accidental, da natureza e da vida de Deus, conforme a ousada expressão de São Pedro: *“nos foram dadas as preciosas e grandíssimas promessas, a fim de que assim vos tornásseis participantes da natureza divina”*¹⁵. Este processo transformativo chama-se **deificação** do homem e para São João é a maior expressão do amor do Pai: *“Vede que prova de amor nos deu o Pai. Seremos chamados filhos de Deus. E nós o somos!”*¹⁶

Como duvidar? Só os incrédulos duvidam porque não conhecem a Deus. Antes, ignorado-O, desprezam-No. Queixa-se disso o Senhor: *“Meu povo cometeu dois crimes. Eles me abandonaram, a fonte de água viva, para cavar para si cisternas furadas que não podem conter água”*¹⁷. Nossa elevação espiritual não termina nesta terra. Temos a vocação não só à **visão beatífica** de Deus mas para possui-Lo, quer dizer, gozá-lo. Por isso o velho Catecismo resumia o plano de Deus sobre o homem dizendo: *“Deus nos criou para conhecê-lo, servi-Lo, amá-lo nesta vida e depois gozá-lo no Paraíso.*

“Desde já somos filhos de Deus mas o que seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é”.¹⁸

Para facilitar o nosso trabalho espiritual Deus nos deu as **virtudes teológicas: Fé, Esperança e a Caridade**. São como os braços da graça. Já que a graça é como **“a fonte”** da vida sobrenatural, as três virtudes operam **“divinamente”**

e, por isso, são chamadas de “**teologais**”. Provêm de Deus e tendem a Deus.

A fé fortalece a inteligência para que possamos conhecer a Deus à luz da Revelação. A esperança e a caridade auxiliam a vontade a aderir a Deus, Bom e Santo.

Diferentemente são as virtudes humanas e naturais, adquiridas pelo exercício assíduo dos atos bons até se tornarem hábitos.

Sendo as virtudes teologais “**os braços**” da graça, os dons do Espírito Santo são como “**os dedos**” que facilitam ainda mais as obras meritórias. Sete são os dons do Espírito Santo:

- ◆ **Inteligência** – Ajuda a virtude da fé para uma penetração mais íntima das realidades divinas.
 - ◆ **Sabedoria** – Socorre a virtude da caridade fazendo que o homem prefira as realidades divinas às coisas da terra. À luz da fé conhece-se algo das riquezas divinas. A caridade impulsiona a amar a Deus porque é Bom. A sabedoria do Espírito Santo julgando as realidades terrenas em seu justo valor leva a preferir às coisas do Alto.
 - ◆ **Conselho** – Relaciona-se com a virtude da prudência e do discernimento conduzindo o homem a decisões justas nas horas difíceis.
 - ◆ **Ciência** – Também relaciona-se com a virtude da fé dando vida ao “discurso” sobrenatural, no sentido de que, fugindo a fascinação das riquezas e honras terrenas o homem prefere os bens eternos guiado por uma atração interior que o Dom do Espírito suscita.
 - ◆ **Fortaleza** – Companheiro da virtude cardeal da fortaleza nos momentos duros e difíceis forja os mártires e os heróis da fé ajudando-os a vencer incertezas, dúvidas, perseguições e a própria morte por amor a Deus.
 - ◆ **Piedade** – Relacionado com a virtude da religião desenvolve na alma o afeto filial e suscita a íntima
-

oração. Faz tomar consciência dos direitos dos outros e, antes de tudo, de Deus a quem são devidos a honra, o respeito, a adoração por sua grandeza e misericórdia.

- ◆ **Temor filial** – Está unido à virtude da temperança. Suscita a atitude filial para com o Pai e preocupa-se de não O ofender, não por medo do castigo ou por servilismo mas por afeto puro e santo.

Além da graça santificante, Deus vem ao nosso encontro com **graças atuais** conforme as nossas necessidades, ora excitando, ora cooperando e adjuvando nossa fraqueza.

Graça passageira é uma espécie de “**impulso divino**” podendo ser interna, agindo sobre a inteligência e a vontade; ou, externa através de circunstâncias e eventos como uma pregação, uma leitura, um exemplo... lembrando sempre e em tudo a palavra de Jesus: “*Sem mim, nada podeis fazer*”.¹⁹

O caminho da perfeição é feito de **renúncias humanas** e de **conquistas divinas**. Talvez por isso que a Teologia Espiritual foi chamada também de **Ascética** e **Mística**.

Ascese e Mística

A palavra **ascética** (do grego, **askesis**, de onde asceta, ascético) significa esforço, labor físico, intelectual ou espiritual. Precisa-se de esforço físico para realizar uma obra, uma construção. É necessário empenhar a inteligência para aprender uma arte, uma disciplina. É necessário empenho moral para alcançar uma virtude, abandonar um vício. O apóstolo Paulo compara a vida cristã com as lutas dos antigos atletas gregos e romanos que se exercitavam para alcançar a vitória nos jogos. Ele mesmo se apresenta como um lutador, um atleta:

“Àqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio. Correi, portanto, de maneira a conseguí-lo. Os atletas se abstêm de

*tudo; eles, para ganhar uma coroa perecível; nós, porém, para ganhar uma coroa imperecível. Quanto a mim, é assim que corro, não ao incerto; é assim que pratico o pugilato mas não como quem fere o ar. Trato duramente o meu corpo e reduzo-o à servidão, a fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem a outros, venha eu mesmo a ser reprovado”.*²⁰

Ascetas foram chamados os primeiros cristãos por se distinguirem por sua vida austera e o Autor da carta aos Hebreus fala de uma “*nuvem de testemunhas ao nosso redor*”.²¹ O Autor imagina os fiéis em meio de um estádio correndo, lutando para o bem, defendendo a virtude para alcançar o Reino. Nas arquibancadas os irmãos vencedores batendo palmas, encorajando e animando..., e, primeiro entre eles, Jesus, o capitão. É interessante esta cena!

*“Também nós, com tal nuvem de testemunhas ao redor, rejeitando todo fardo e o pecado que nos envolve, corramos com perseverança para o certame que nos é proposto, com os olhos fixos n’Aquele que é o autor e realizador da fé, Jesus, que em vez da alegria que lhe foi proposta, suportou a cruz desprezando a vergonha e se assentou à direita do trono de Deus. Considerai pois, Aquele que suportou tal contradição por parte dos pecadores, para não vos deixardes fadigar pelo desânimo. Vós ainda não resististes até o sangue em vosso combate contra o pecado!”*²²

Ben Sirac não podia fazer melhor elogio daquele que se decidiu para o bem que o qualificar como aquele que “*podia pecar e não pecou, fazer o mal e não o fez*”.²³

A palavra “**mística**” (do grego **mystikó**, que significa na tradição católica **um conhecimento profundo das**

verdades reveladas ou conhecimento especulativo da Divindade concedido à alma nos graus mais elevados da vida espiritual), faz pensar na íntima união com Deus, a experiência da Presença do Senhor quanto possível nesta vida. Só um místico que tenha feito autêntica experiência de Deus pode não-lo explicar, se o conseguir, porque nestas coisas as palavras humanas são insuficientes.

“O meu segredo é meu, só meu”!,²⁴ diz o profeta Isaías seguindo a antiga tradução. E, realmente, o esposo e a esposa são recatados acerca das alegrias e experiências de sua intimidade. Deus, o Amante, para fazer compreender a Israel chamada de Sua **“esposa”**, símbolo de cada alma que ama e procura a união com Deus, a grandeza de Sua afeição exprime-se com a linguagem matrimonial. Diz Deus em Oséias:

*“Desposar-te-ei para sempre, desposar-te-ei conforme o direito e a justiça, com misericórdia e afeição; desposar-te-ei com fidelidade e travarás conhecimento com o Senhor”.*²⁵

O livro do Cântico dos Cânticos representa mais de perto a epopéia de amor entre Deus e o homem.

*“Beije-me ele com o beijo de sua boca, porque mais forte do que a morte é o amor. Quão formosa és, minha amada, quão formosa és! Os teus olhos parecem duas pombas, por trás do teu véu”.*²⁶
*“Raptaste-me o coração, minha irmã, minha esposa; raptaste-me o coração”.*²⁷

*“Eu durmo, mas o meu coração vela”.*²⁸

Eis o fruto da incomensurável misericórdia do Criador a dimensão do seu divino amor para com o homem e a prova

de quanto Deus supera o homem no encanto do plano da salvação. E não é o Amor o termo da criação e da redenção? Pena que nós, humanidade, não cremos bastante nisso. Tivesse sido você o criador do universo e a planejar a redenção teria dado à morte a última palavra? Então Deus teria sido menos original do que o homem? Inferior em inventiva? Menos desejoso de fazer todos felizes? Não! O amor continuará depois da morte, antes... será maior. E, na última ceia Jesus disse o que haveria entre Ele e nós **uma comunhão de amor e de intimidade indizível**: “*Vós em mim e eu em vós*”,²⁹ com uma saciedade tal que se perderia a necessidade das coisas terrenas: “*Naquele dia não me pedireis mais nada*”.³⁰ Pedi o quê quando se possui o Todo?

**“Cristo descobre ao homem
a sua altíssima vocação”.**

(GS, n.22 a)

“Deveis ser perfeitos”, diz Jesus.³¹ “Deveis ser santos”, repete São Paulo.³² “Perfeito” e “santo” é a mesma coisa? Na maneira comum de se expressar parece que sim mas a análise dos termos e dos conceitos nos faz compreender que há diferença entre as duas palavras.

Perfeição e Santidade

Perfeição, perfeito (do latim, **perfícere, perfectus**), dão a idéia de alguma coisa terminada, de algo a que não falta nada em relação à sua natureza ou estado.

A ave é perfeita quando tem asas para poder voar. Etimologicamente, em hebraico, “**santo**” significa “**separado** atribuí-se só a Deus para indicar a sua transcendência. Atribuía-se também, por participação, a coisas e pessoas para significar que eram retiradas do uso comum e reservadas para o serviço de Deus: o Povo de Israel, os Sacerdotes, o Templo, as vítimas. Assim, ao constituir Israel como seu povo peculiar, Deus lhe diz: “Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa”.³³ À mesma idéia encontra-se no chamado do profeta Jeremias:

“A palavra do Senhor me foi dirigida nos seguintes termos:

*Antes mesmo de te formar no ventre materno eu te conheci;
Antes que saísse do seio, eu te consagrei”.³⁴*

“**Conhecer**” da parte do Senhor explica o exegeta, equivale a escolher e predestinar. “**Consagrar**” indica uma separação para o ministério profético do que uma santificação interior. E nos textos bíblicos mais antigos fala-se de **santidade legal, perfeição jurídica**.

Esclarecidas as palavras em questão voltemos ao estudo da **santidade** e da **perfeição**.

Perfeição significa **integridade**: tal ação, por exemplo, está em conformidade com a lei moral. Note-se que a perfeição absoluta pertence só a Deus. As criaturas possuem a perfeição relativa, conforme exigido por sua natureza. E há, ainda, uma perfeição essencial, quando nada falta do que é exigido; perfeição particular, quando se manifesta só uma qualidade ou dote: a memória no homem, por exemplo. Uma obra é perfeita quando alcançou a sua completeza.

Ora, dizendo-nos o Senhor: “*Deveis ser perfeitos como o Pai é perfeito*”,³⁵ colocava-nos a caminho, indicando-nos o Pai como ponto de referência e, por isso, nesta vida a perfeição é um ideal a ser alcançado, uma meta sempre mais longe, por ser infinita a perfeição do Pai.

O organismo espiritual é um organismo vivo e dinâmico, igual ao organismo físico que tende a desenvolver-se e a aperfeiçoar-se até a sua plenitude. Podem servir de exemplo as parábolas evangélicas do *grão de mostarda ou do fermento na massa*.³⁶

Santidade, no sentido teológico e espiritual-moral é a ausência de pecado e a total dedicação a Deus. **É o estado de graça habitual**. É a condição da “*nova criatura*”,³⁷ que participa da própria vida divina. Fala-se, então, de santidade objetiva, como *dom divino* e de santidade subjetiva, como *conquista pessoal*.

Para São Paulo a santidade *como dom* é fruto do batismo, sacramento renovador e é assim que se dirigindo às diversas comunidades eclesiais saúda “**os santos**”³⁸ que estão em Corinto, em Filipos,³⁹ em Colossas.⁴⁰ Mas diz também: “**chamados à santidade**”.⁴¹ Quer dizer que aquele dom do Alto pode perder-se. E, de fato, apresentando a santidade cristã como **um progresso, um caminho**, o Catecismo da Igreja Católica nos adverte:

*“O caminho da perfeição passa pela cruz. Não existe santidade sem renúncia e sem combate espiritual (Cf. 2Tm 4). O progresso espiritual envolve ascese e mortificação que levam gradualmente a viver na paz e na alegria das bem-aventuranças”.*⁴²

Aumentando a graça, aumenta também a santidade. As virtudes teologais e os dons do Espírito Santo agem sobre a atividade humana auxiliando a inteligência e a vontade, de forma que, pode-se fazer cada vez mais **obras de vida eterna**.

Deve-se evitar a tibieza, as faltas voluntárias e os próprios pecados veniais voluntários para não deixar esfriar o fervor e cair na mediocridade. Daí que um pecador recém-convertido pode iniciar com grande entusiasmo e amor o caminho da perfeição cristã. Foi o que explicou um dia Jesus ao fariseu que O havia convidado para comer em sua casa onde àquela pecadora anônima Lhe “*demonstrou muito amor*”.⁴³ E advertia com severidade “*os profissionais da religião: os publicanos e as prostitutas estão vos precedendo no Reino de Deus*”.⁴⁴

Pode-se medir a santidade?

Os entendidos acham que sim. *Ao grau de graça adquirido na terra corresponde o grau de glória que a alma obterá no céu.*⁴⁵ A graça aumenta com o exercício das obras meritórias pela intensidade do amor.

Posto o princípio que a Trindade santa é fonte de santidade vejamos como a criatura participa da própria santidade de Deus.

Deus Pai, invisível e inacessível,⁴⁶ revela-se aos homens como o **Santo** por excelência, antes, “*três vezes Santo*”,⁴⁷ quer dizer, **Santíssimo**.

No Novo Testamento é freqüente, sobretudo na boca de Jesus, a expressão “*Pai santo*”.⁴⁸ E o Pai mostra a sua santidade não só nas grandes teofanias⁴⁹ mas também quando castiga o pecado de seu povo. Longe de ser uma santidade **esmagadora**, a santidade divina é **contagante**: Deus abençoa quem dele se aproxima⁵⁰ e está sempre pronto a perdoar.⁵¹ E diz, para nos encorajar:

*“Não executarei o ardor de minha ira,
Não tornarei a destruir Efraim,
porque eu sou um Deus e não um homem,
Eu sou santo (isto é, manifesta sua santidade
perdoando)
No meio de ti, não retornarei com furor.”*⁵²

Preenchendo a distância que o separa das criaturas, Deus escolhe para Si a Israel e une-o a Si pelo dom da Aliança que deve ser guardada, vivida, celebrada no culto. Envolvendo-se na vida deste povo que se diferencia de todas as outras religiões vizinhas, Deus se faz conhecer como o “*Deus de Israel e o Santo de Israel*”.⁵³ E lhe dá uma norma de conduta: “*Sede santos, porque Eu, o Senhor vosso Deus sou santo*”.⁵⁴

Santidade não apenas cultural, mas moral e espiritual, vivida na observância da justiça, da obediência e do amor⁵⁵, nos relacionamentos familiares, sociais e religiosos. Contudo, o ideal da santidade está longe de ser alcançado. É preciso que Deus mesmo purifique e renove o coração humano,⁵⁶ derramando nele o fogo purificador do Espírito Santo como o Senhor mesmo prometia pelos Profetas.

Haverá no fim dos tempos de espera e de preparação uma nova Aliança, quando os corações humanos serão transformados e a Lei de Deus neles será inscrita;⁵⁷ Aliança que renovará a do Sinai⁵⁸ e a de Davi.⁵⁹ Esta será a obra do Espírito divino:

“Dar-vos-ei um coração novo, porei em vosso íntimo um espírito novo, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei no vosso íntimo o meu espírito e farei com que andeis de acordo com os meus estatutos e guardeis as minhas normas e as pratiqueis”.⁶⁰

A Santidade em Jesus Cristo

Vem o Filho e realiza as profecias! Sendo Ele mesmo **“Santo”** quer por sua **“filiação divina”** e a *“presença do Espírito Santo que Lhe é própria⁶¹* quer por sua vida inocente: *“Quem, dentre vós, me acusa de pecado?”⁶²* João Batista esperava do Salvador o batismo *“com o Espírito Santo e com fogo”⁶³*. Já por sua presença, ainda escondida no seio materno santifica o Seu Precursor e enche de carismas a mãe Isabel.⁶⁴ Livra os homens dos espíritos impuros,⁶⁵ e quando chega a **hora**,⁶⁶ *“a hora ardentemente desejada por Ele”⁶⁷*, se oferece a Si próprio em sacrifício *“para que os seus sejam santificados na verdade”⁶⁸*.

Graças ao sacrifício redentor de Jesus, o Pai dá aos que crêem o Seu Espírito santificador.⁶⁹ Com a presença do Espírito no coração humano, não poderia haver novidade mais radical porque *“não existe mais condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus. A Lei do Espírito da Vida em Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte”⁷⁰*. Contudo, *“Aquele que diz permanecer nele deve também andar como Ele andou”⁷¹*. E, por isso, diz com ênfase: *“Dei-vos o exemplo para que, como eu fiz, também*

vós o *façais*".⁷² E, ordena: "*Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei*".⁷³

Agora sabemos que a Trindade das Pessoas divinas é **fonte** de santidade. E, também, **fonte de Amor**. Como há **uma vocação universal ao Amor**, há igualmente a **vocação universal à santidade**.

A Santidade segundo o Concílio Vaticano II

O II Concílio Ecumênico do Vaticano nos deixou o mais belo ensinamento sobre a "**Vocação universal à santidade na Igreja**" no capítulo V da Constituição Dogmática **Lumen Gentium**, sobre a Igreja. Há, diz o Concílio, a santidade **da** Igreja e a santidade **na** Igreja. Àquela é dada como **dom**, esta, dada em germe, há de ser **conquistada** por cada batizado com os **meios** oferecidos por sua **vocação temporal**, percorrendo-lhe o **difícil caminho**.

Fala-se assim, dos **diversos aspectos da única santidade**. Diversa pelos meios, as situações pessoais, o ambiente social... Única pelo fim a que tende: a glória de Deus, a felicidade eterna.

Credo Ecclesiam... sanctam

"Cremos que a Igreja... é indefectivelmente santa".⁷⁴ Esta santidade é fruto do incomensurável amor de Deus pois:

"Cristo, Filho de Deus, que com o Pai e o Espírito Santo é proclamado 'único santo', amou a Igreja como sua Esposa. Por ela se entregou com o fim de santificá-la (Cf. Ef 5, 25-26). Uniu-a a Si como seu corpo e cumulou-a com o dom do Espírito Santo, para a glória de Deus".⁷⁵

Daí o chamado universal à santidade: “na Igreja todos... são chamados à santidade”.⁷⁶

De fato:

“O Senhor Jesus, Mestre e Modelo divino de toda perfeição, a todos e a cada um dos seus discípulos de qualquer condição pregou a santidade de vida da qual Ele mesmo é o Autor e consumidor.”⁷⁷

Ora, esse chamado não é teórico. Qual é sua lei fundamental? O que é preciso fazer? Quais os sinais externos que a provam? Quais os meios apropriados para cada vocacionado à santidade?

É preciso desfazer, antes de tudo, as falsas idéias que se fizeram acerca da santidade, denunciadas por São Francisco de Sales:

“cada um se imagina a verdadeira devoção segundo a própria paixão ou fantasia. Aquele que pratica o jejum, embora o seu coração esteja cheio de ódio... outro pensa que é devoto só porque faz cada dia muitas orações, enquanto sua língua fala palavras inconvenientes...”⁷⁸

Houve também os que identificavam a santidade com a muita oração e penitência; outros a identificaram com a pobreza absoluta. Em nossos dias tende-se a confundir a perfeição cristã com as obras de apostolado e práticas religiosas.

A Santidade da Igreja

Tentemos definir a santidade na sua essência seguindo o ensinamento do Vaticano II:

1. *“A santidade da Igreja incessantemente se manifesta e deve manifestar-se nos frutos da graça que o*

Espírito Santo produz nos fiéis".⁷⁹ São Paulo apresenta a lista destes frutos do Espírito diante dos quais pode-se verificar se alguém tem ou não em si a presença atuante do Espírito Santo.

Há pois, a presença do Espírito onde existem: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio, castidade.⁸⁰ Pelo contrário, não está presente o Espírito Santo onde se realizam as obras da carne, isto é: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discórdia, discussões, divisões, inveja, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas.⁸¹ Através destes frutos da graça manifesta-se a santidade, diz o Concílio.

2. Não raro, a prática das virtudes pode levar até o heroísmo, à abnegação de si, para dar o supremo testemunho de seu amor diante de todos os homens, mas de modo especial perante os perseguidores.

O martírio... é estimado pela Igreja como exímio dom e suprema prova de caridade.⁸²

3. A santidade da Igreja *"se exprime multiformemente nos indivíduos"*.⁸³

Fala-se assim, em santidade:

- ◆ Episcopal;⁸⁴
- ◆ Presbiteral;⁸⁵
- ◆ Diaconal;⁸⁶
- ◆ Seminarística;⁸⁷
- ◆ Dos Religiosos;⁸⁸
- ◆ Dos Cônjuges e Pais cristãos;⁸⁹
- ◆ E mesmo dos pobres, doentes e atribulados.⁹⁰

Cada uma destas categorias tem à disposição **os meios comuns** e **os meios específicos** da própria **vocação temporal**.

São meios comuns:

- 1° – a Palavra de Deus;⁹¹
 - 2° – os sacramentos, sobretudo a Eucaristia;⁹²
 - 3° – a oração;⁹³
 - 4° – o serviço fraterno;⁹⁴
-

5° – o exercício de todas as virtudes;⁹⁵

6° – a imitação de Cristo sofredor em meio as perseguições;⁹⁶

7° – a purificação dos afetos.⁹⁷

Alguns meios específicos indicados pelo Vaticano II:

1. Os Bispos conformando-se à imagem de Cristo, *“Pastor e Bispo de nossas almas, exerçam seu ministério santa e alegremente, humilde e fortemente. O ofício assim cumprido será também para eles um elevado meio de santificação... ..promovam a Igreja também por seu exemplo a uma santidade maior”*.⁹⁸

2. Os Presbíteros, antes de tudo, procurando *viver o próprio sacerdócio, cresçam... no amor de Deus e do próximo*.⁹⁹

Pede-se-lhe, ainda:

- ◆ *A comunhão fraterna entre si;*
- ◆ *A plenitude de todo bem espiritual;*
- ◆ *O testemunho vivo de Deus;*
- ◆ *A imitação dos santos sacerdotes do passado que nos deixaram um preclaro modelo de santidade;*
- ◆ *Tomar consciência do que fazem e imitar o que celebram;*¹⁰⁰
- ◆ *Saber haurir dos próprios trabalhos pastorais, apesar dos perigos e tribulações, “uma santidade mais alta”;*
- ◆ *Alimentar o seu apostolado “pela abundância da contemplação”;*
- ◆ *Estar em comunhão “com o seu Bispo”;*¹⁰¹

3. Os Diáconos *“devem guardar-se puros de todo vício e agradar a Deus”*;¹⁰²

4. Os Clérigos *“estão obrigados a conformar suas mentes e corações”*¹⁰³ (à graça da vocação divina), cultivando a oração assídua e a piedade;

5. Os esposos e pais cristãos encontram a fonte de sua santificação *“seguindo o próprio caminho, em amor fiel”*.¹⁰⁴

Renunciando a todo egoísmo próprio, *ajudem-se mutuamente*, dizem os Padres conciliares, *a conservar a graça (matrimonial) no decurso de toda vida*. Dessa forma, encontrarão em si mesmos como ensinar aos filhos “as doutrinas cristãs e as virtudes evangélicas”. São exortados a serem para “todos um exemplo de incansável e generoso amor”, à imitação “da fecundidade da Mãe Igreja” da qual serão um “*sinal daquele amor com que Cristo amou sua Esposa e por Ela se entregou*”.¹⁰⁵

6. Pode parecer um desafio lançado aos “pobres”, “fracos”, “doentes”, “atrilados”, “os que sofrem perseguição pela justiça” a procurar a santidade mesmo entre as provações. De que maneira? Unindo-se “*de modo especial a Cristo em seu sofrimento pela salvação do mundo*”.¹⁰⁶

É evidente que isso há de ser feito *com amor*, esperando o cumprimento da Palavra de Jesus que declarou todos eles “*bem aventurados no Evangelho*”,¹⁰⁷ lembrando-se ainda do que ensina o apóstolo Pedro: “*Deus nos chamou à sua glória em Cristo Jesus, depois de sofrermos um pouco*”¹⁰⁸ nos consolará e glorificará.

Devemos conhecer agora *a lei fundamental de toda santidade*. Da doutrina conciliar e dos escritos dos Teólogos e Padres da Igreja, resulta claro, que a santidade consiste na “*perfeição da caridade*”.¹⁰⁹ Esta caridade é dom de Deus, pois Ele mesmo “*enviou o Espírito Santo para interiormente (...) mover (os fiéis) a amarem a Deus com todo coração, toda a alma, toda a mente e toda a sua força*”¹¹⁰... e se amassem mutuamente como Cristo os amou¹¹¹”.¹¹²

A caridade como dom

Caridade-dom torna-se na mente do Concílio, “*caridade empenho em guardar e aperfeiçoar a santidade recebida pela graça batismal*”, isto é, “*a viverem como convém a santos*”.¹¹³

Como vivem os santos?

Sentindo-se escolhidos de Deus procuram revestir-se “de sentimentos de carinhosa compaixão, bondade, humildade, longanimidade”,¹¹⁴ para chegar assim, apesar das “muitas faltas”,¹¹⁵ e não sem sacrifícios e renúncias “à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade”.¹¹⁶ Pois, “o primeiro e mais necessário dom é a caridade, pela qual amamos a Deus acima de tudo e ao próximo por causa dele”.¹¹⁷

Portanto, no Amor está a essência da santidade ou da perfeição cristã. E isso, por duas razões:

1ª – Porque o Amor se identifica com Deus¹¹⁸ e, por isso, é eterno.¹¹⁹

2ª – Sendo o amor um exercício da vontade, a santidade torna-se possível para todos, grandes e pequenos, instruídos ou não. É mérito do cristianismo ter colocado a perfeição no amor e, portanto, na vontade e não na inteligência ou na observância dos mandamentos, haja vista, a observância material mesmo dos mandamentos divinos pode levar ao formalismo religioso que nada tem em comum com a santidade.

Não há dúvida. A inteligência humana é uma faculdade nobre que distingue o homem dos animais. A virtude teologal da fé influencia a inteligência, a qual, iluminada sobrenaturalmente, alcança a Deus só indiretamente mediante as coisas criadas. O conhecimento de Deus é, portanto, limitado e imperfeito. No ato do conhecimento atraímos, por assim dizer, Deus a nós para nô-lo representar mas impomo-lhe nossos limites e nossas pequenas idéias. É verdade também que no Céu a nossa felicidade consistirá na visão intelectual de Deus enquanto a vontade gozará pelo fim conseguido.

*“Todo aquele que ama nasceu de Deus
e conhece a Deus...
Deus é Amor.”¹²⁰*

O amor é próprio da vontade. Cria uma união com o Senhor e se manifesta dinamicamente, quer dedicando-se totalmente a Ele, quer agradando-lhe em tudo.

*“a vontade divina e a vontade humana
estão totalmente unidas,
a alma que mais avançou no amor
e cuja vontade está mais conformada com a
de Deus...
está plenamente unida e transformada
sobrenaturalmente em Deus.”¹²¹*

Justamente Santo Agostinho estabelece uma relação íntima entre a caridade e a santidade. Diz o Doutor da Igreja:

*“A caridade inicial é uma santidade inicial;
a caridade progredida é uma santidade
progredida;
uma grande caridade é uma grande santidade;
a caridade perfeita é uma perfeita santidade.”¹²²*

E, mais tarde, escreverá Santo Tomás de Aquino:

*“Todo ser é perfeito enquanto alcança o seu fim
próprio, que é a sua íntima perfeição. O fim
último da vida humana é Deus e a caridade nos
une a Ele. Por isso, a perfeição da vida cristã
consiste principalmente na caridade.”¹²³*

Não podemos esquecer que a santidade *tem duas dimensões*: uma teologal, como foi visto, outra, temporal, chamada também de “vocação temporal”. Esta é a idéia do Pe. Gustav Thils:

*“O santo é o cristão que vive em plenitude a
vida divina recebida de Deus e realiza
perfeitamente a vocação temporal à qual foi
chamado aqui na terra; este é o santo
‘completo’, ‘perfeito’.”¹²⁴*

O cristão não pode absolutamente abdicar aos deveres do próprio estado. As duas dimensões são essenciais, segundo Thils:

“O santo no pensamento de Cristo deve realizar-se segundo duas dimensões: a vida teologal e a vocação temporal. Deve empenhar-se em viver plenamente os dois aspectos se quer ser perfeito, santo. É o seu dever. Trata-se de viver bem a vida cristã que é fundamentalmente mística e autenticamente temporal. Nascido nesta terra, o homem é cidadão deste mundo; pelo novo nascimento, faz parte do outro mundo, do qual é igualmente perfeito cidadão. Dessa forma, o cristão deve viver em plenitude duas vidas ao mesmo tempo. É esta a sua situação, complexa, não complicada, do cristão...”¹²⁵

E, continua: *“a estas duas vidas, a estas duas dimensões damos o nome de vida teologal e vocação temporal”*.¹²⁶ E, *“as duas dimensões são essenciais para que a santidade possa chamar-se cristã, diz Thils.*

Exige-se, portanto, pela Igreja, *“o fiel cumprimento dos deveres do estado temporal e a heroicidade das virtudes”*.¹²⁷

Isto se prova no processo de canonização empreendido pela autoridade da Igreja a qual pergunta sobre o heroísmo da fé, da esperança e da caridade com as virtudes cardeais da prudência, justiça, fortaleza e temperança, bem como, o fiel cumprimento dos deveres do próprio estado. À Igreja não se interessa se o tal foi imperador, trabalhador ou simples fiel; padre ou monge; solteiro ou casado; mas, se praticou as virtudes teologais e cardeais no seu estado de vida, em grau heróico.

Há heroicidade das virtudes quando se praticam as virtudes do próprio estado numa forma superior à das pessoas virtuosas comuns e se praticam com pontualidade e perseverança.

Fidelidade e perseverança! O heroísmo que a Igreja espera dos que procuram a santidade.

O Amor é a essência da Santidade

Jesus define o que entende por amor: “*se me amais, observareis os meus mandamentos*”.¹²⁸ E, ainda: “*Vós sois meus amigos se praticais o que vos mando*”.¹²⁹ O amor há de ser, portanto, afetivo e efetivo. Não basta dizer, diz Jesus, mas é preciso fazer.¹³⁰ O amor pode ser considerado como posse segura e então, se chama hábito e produz o afeto para com Deus mas solicita também a querer o que Deus quer, isto é, o cumprimento de sua vontade. O principal é o amor afetivo. Contudo, não pode existir um sem o outro.

*“O amor para Deus é operante quando leva a obedecer-lhe e a procurar a Sua glória; alcança a perfeição quando na vontade do homem não há mais nada contrário à vontade divina e em tudo o que ela faz é movida unicamente pelo desejo de honrar e agradar ao seu Senhor.”*¹³¹

*Quanto mais freqüentes são os exercícios virtuosos executados pela vontade, tanto mais cresce a caridade.*¹³² A caridade é uma qualidade que deve revestir de si os atos e os trabalhos e até mesmo os gestos mais heróicos conforme ensina o apóstolo Paulo:

*“mesmo que eu fosse um poliglota, possuísse toda a ciência do mundo ou entregasse meu corpo por uma causa nobre... seu eu não tivesse caridade... eu nada seria.”*¹³³

Amarás o teu próximo como a ti mesmo¹³⁴

São João dá a razão disso:

“Se alguém disser: Amo a Deus, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso, pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar.”¹³⁵

A isto, que já é difícil, Jesus acrescenta: *“Amarás o teu próximo como eu vos amei”*.¹³⁶ E, diz mais: este amor vos *distinguirá*, isto é, provará *“que sois meus discípulos”*¹³⁷ e *“que eu vim ao mundo”*.¹³⁸ Quando Jesus diz de **amar o próximo**, não faz distinção. O próximo é todo ser humano: o santo, o delinqüente, o americano, o chinês, o árabe, o hebreu, o branco, o negro, o clerical, o anticlerical, o egoísta, o prepotente, o traidor, o simpático, o antipático... Vocês conseguem fazer isto? Até hoje, eu não o consigo. E, no entanto, é a condição necessária para entrar no Reino de Deus.¹³⁹ Porém, estou disposto a isso se Deus me der, como me prometeu por seu profeta Ezequiel *“um coração novo (colocando em meu) íntimo um espírito novo... o Espírito Santo”*.¹⁴⁰ Se fosse fácil, espontâneo e natural amar a todos e sempre até o dom de si, como fez Jesus, teria sido inútil a Encarnação.

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos.”¹⁴¹

Isto já é muito, embora Paulo afirme que *“difícilmente alguém dá a vida por um justo, um amigo”*.¹⁴² E, por um inimigo? Um traidor, por exemplo, um assassino do próprio filho? Só Deus é capaz de tanto! Continua Paulo: *“Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores... quando éramos inimigos... e fracos”*,¹⁴³ em matéria de amor. Tinha razão Jesus, na arte de amar: *“Sem mim nada podeis fazer”*.¹⁴⁴ Amar como Jesus amou é heróico, é divino. Por isso é necessária *“a força que vem do Alto”*.¹⁴⁵ Conhecendo a nossa imaturidade em amar, Jesus dizia: *“Quando vier o Espírito... vos conduzirá à maturidade do amor”*.¹⁴⁶

*“Tu me amas?
... Tu sabes que eu te amo.
Segue-me!”¹⁴⁷
Que quer dizer, “Imita-me!”*

Este é o amor teologal chamado Caridade. Quando Deus o doa no coração humano é *Pentecostes*.¹⁴⁸

Quanto caminho nos resta?!!!

Faz tantos anos que amo...!!! Pois é. Faz tantos anos que amamos e ainda somos egoístas. Há uma página de Carlos Carreto que vale à pena conhecê-la, pois ele amadureceu um pouco, durante dez anos, no deserto da África:

“Não, não é simples amar com um coração feito como o nosso, confessemos-lo. Vejamos, por exemplo, o que se passa com o amor conjugal. Quando um homem diz a uma mulher: ‘eu te amo’ tem a impressão, à primeira vista, de querer verdadeiramente o bem daquela criatura. Mas não demorará muito em dar-se conta de que ama a si mesmo nela e que o egoísmo envenena com muita freqüência a relação e a reduz a um ato de posse mais do que a um dom de si.

É tão difícil amar!

Não duvido em afirmar que em cem atos que julgamos atos de amor, a maior parte compõem-se de puro egoísmo, de inclinação sobre si mesmo, de procura do prazer em si mesmo, de prepotência. E é por isso que o amor entra em crise, se transforma em atos que nos mortificam, que nos dividem.

É o Eros, é o comer-se mutuamente, é a tentativa de arrancar à vida mesmo que seja uma só gota

de prazer através do outro, é transformar o amor em droga.

E qual é o resultado?

A destruição de tudo, o sujar tudo.

Oh! Se ao menos tal maneira de proceder nos tornasse felizes, se, drogando-nos, pudéssemos encontrar a paz, a alegria, a plenitude!

Deus sabe o que encontramos no fundo de nosso caminho errado!

Não há maior tristeza do que o amor traído pelo prazer!

É esta tristeza que forma o fundo de nossas relações e o infinito tédio de nossa existência doente.

Pois bem, é exatamente sobre esta nossa miséria que se enxerta a vida divina em nós, que se põe em movimento o anúncio da salvação, a boa-nova da paz e da ressurreição.

Nós não somos capazes de amar. É Deus que vem a nós como presença, como graça, como vida eterna, que nos ensina a amar.

O mistério que nos foi revelado por Cristo não é mais um a dois: é um amor a três. O Eros se transforma em ágape, o casal se transforma em família, o amor do homem se transforma em banquete.

O modo de viver o amor por parte de Deus, isto é, a caridade, é a solução do problema do nosso pobre amor.

A verdadeira novidade do cristianismo é o amor trinitário de Deus em nós, que é a maneira perfeita de amar. Esta é a vida eterna: o modo de amar de Deus em nós e tal modo nos faz entrar aos poucos no Reino, liberta-nos do egoísmo destruidor, torna gratuito o nosso amor, introduz o dom de si no sonho nunca extinto de

possuir alguém ou alguma coisa, a renúncia como testemunho autêntico de vida.

... O amor é uma reta, isto é, a união de dois pontos no espaço da criatura.

A caridade é um triângulo.

A revolução do coração está toda aqui: transformar a reta dos nossos amores em triângulos que tenham no vértice a presença trinitária de Deus.

Esta presença de Deus em nosso amor e a aceitação de todas as exigências trazidas por ela é a salvação, a sublimação deste amor.

O amor torna-se caridade.

O tempo torna-se eterno.

O coração do homem torna-se o coração de Cristo.”¹⁴⁹

Conta-se que certa vez São Francisco de Assis estando viajando a cavalo encontrou-se com um leproso que lhe pedia esmola. Horrorizado, lança-lhe uma bolsa cheia de moedas e foge rápido, Mas, de repente, por inspiração divina, o próprio Francisco pára o cavalo e volta atrás. Desce, aproxima-se do leproso e o abraça fraternalmente.

Isto já não é nem natural nem espontâneo. No coração do Pobrezinho de Assis houve uma mudança:

“entrou nele o amor de Deus e agora ele ama o pobre leproso com o coração de Deus. Deus não exige de todos um gesto heróico igual, mas a todos Ele pede que Lhe ofereçamos o nosso coração para fazer dele um meio para amar os homens.”¹⁵⁰

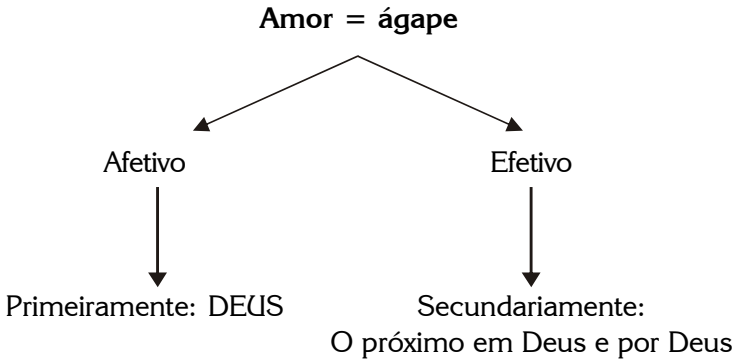
O ágape: Amor afetivo – Amor efetivo

Agora estamos persuadidos da necessidade de amar o nosso próximo, pois, a isso nos obriga a Palavra de

Deus: *“aquele que ama a Deus, ame também o seu irmão”*.¹⁵¹

Santo Tomás afirma:

*“A perfeição da vida cristã consiste essencialmente na caridade; principalmente no amor de Deus e, secundariamente, no amor do próximo.”*¹⁵²



O apóstolo Paulo diria:

*“Bendito seja o Deus e Pai de nosso senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo. Nele, ele nos escolheu, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor.”*¹⁵³

**“Ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro,
justo, puro, amável, honroso, virtuoso”.**

(Fl 4, 8)

O exercício das virtudes conduz à santidade

A santidade exige o exercício das virtudes. Não apenas das virtudes teologais mas também morais e humanas. Não podendo conhecer a perfeição interna alcançada por uma alma nesta vida, na canonização de seus filhos e filhas a Igreja se fundamenta nos exercícios das virtudes. É este o critério universal e constante, prescindindo da vocação temporal e do trabalho realizado. Tem em conta também as virtudes do próprio estado. A prática das virtudes revela a intensidade do amor, sobretudo quando praticadas ou exercidas heroicamente.

Todos sabem que tal pessoa foi humilde, paciente, forte nas adversidades. Porque *“não é fácil ao homem ferido pelo pecado manter o equilíbrio moral”*.¹⁵⁴

A virtude é uma disposição habitual

Diz o Catecismo da Igreja Católica no n. 1803: *“a virtude é uma disposição habitual e firme para fazer o bem”*. Mais importantes são as virtudes teologais, dadas por Deus. Em seguida, as quatro virtudes cardeais: *“todas as outras se agrupam em torno delas”*.¹⁵⁵ Por sua vez:

*“as virtudes humanas são atitudes firmes,
disposições estáveis, perfeições habituais da*

inteligência e da vontade que regulam nossos atos, ordenando as nossas paixões e guiando-nos segundo a razão e a fé. Pessoa virtuosa é aquela que livremente pratica o bem."¹⁵⁶

E, mais:

*“As virtudes humanas adquiridas pela educação, por atos deliberados e por uma perseverança sempre retomada com esforço, são purificadas e elevadas pela graça divina. Com a graça de Deus, forjam o caráter e facilitam a prática do bem. O homem virtuoso sente-se feliz em praticá-lo.”*¹⁵⁷

Como as virtudes cooperam com a busca da perfeição cristã?

Explica-nos Santo Agostinho:

*“viver bem não é outra coisa senão amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e em toda forma de agir (...).”*¹⁵⁸

A perfeição consiste na conformidade com a vontade de Deus

Os teólogos da espiritualidade ensinam que a perfeição cristã consiste também na **conformidade com a vontade de Deus**. Indispensável para alcançar a vida eterna, “*Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?... se queres entrar na Vida, guarda os mandamentos*”,¹⁵⁹ a conformidade com a vontade divina conduz à perfeição porque submete a vontade do homem no beneplácito de Deus.

O caminho que leva à santidade é traçado por Deus para cada homem e cada mulher e não lhes resta que percorrê-lo com alegre entusiasmo.

À primeira atitude da criatura perante o Criador é o reconhecimento da supremacia divina, feito de submissão, adoração e de ação de graças. Mas houve uma revolta já entre os Anjos:

“Como caíste do céu, ó estrela d’alva, filho da aurora! Como foste atirado à terra, vencedor das nações! E, no entanto, dizias em teu coração: Hei de subir até o céu, acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha da Assembléia, nos confins do norte. Subirei acima das nuvens, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo. E, contudo, foste precipitado no Xeol, nas profundezas do abismo.”¹⁶⁰

Os Padres da Igreja interpretaram esta passagem de Isaías como a queda dos Anjos rebeldes chefiados por Lúcifer, a **estrela d’alva**, príncipe dos demônios.

Não servirei!

Conta São João, no livro do Apocalipse que, realmente:

*“houve uma batalha no céu: Miguel (**cujo nome quer dizer QUEM É COMO DEUS?**) e seus Anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão batalhou juntamente com seus Anjos, mas foi derrotado e não se encontrou mais um lugar para eles no céu.”¹⁶¹*

O adversário do plano divino não podendo se opor ao Criador, **astuto** como é, entre *“todas as criaturas”*,¹⁶² seduziu o homem, invejoso de sua felicidade,¹⁶³ E houve a **desobediência** do homem à ordem de Deus: *“Não comerás!”¹⁶⁴* Nesta expressão de Deus estão subentendidos

dependência criatural, aceitação dos limites da liberdade humana, submissão à autoridade divina.

O primeiro casal sabia disto.

“Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: dele não comereis, não tocareis, sob pena de morte.”¹⁶⁵

E o mentiroso, espertalhão:

“Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses...”¹⁶⁶

Fascinada:

“a mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe o fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava e ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois...”¹⁶⁷

Celebraram um sacramento de morte

O pecado é uma desobediência, “um ato pelo qual consciente e deliberadamente o homem se opõe a Deus, violando um de seus preceitos”,¹⁶⁸ mas além desse ato exterior de rebelião a Escritura expressamente menciona um ato interior do qual aquele procede: desobedeceram Adão e Eva, porque, cedendo à sugestão da serpente quiseram ser como deuses que conhecem o bem e o mal: tomando-se a si próprios por medida, pretendem ser os únicos senhores de seus destinos e dispor de si mesmos a seu talento; recusando-se a depender daquele que os criou, pervertendo assim a relação que unia o homem a Deus.

Ora, segundo Gn 2, esta relação não era apenas de dependência mas de amizade. Ao homem criado “à sua imagem e semelhança”¹⁶⁹ o Deus do AT nada havia recusado, nada reservara para Si, nem mesmo a vida.¹⁷⁰ E eis que, por instigação da serpente, Eva e depois Adão se põem a duvidar desse Deus infinitamente generoso: o preceito dado para o bem do homem¹⁷¹ não passaria dum estratagema inventado por Deus para salvaguardar seus privilégios e a ameaça acrescentada ao preceito não passaria de uma mentira:

“Não! Não morrereis! Mas Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto sereis como deuses que conhecem o bem e o mal.”¹⁷²

Desconfia o homem de Deus que se tornou seu rival. À própria noção de Deus está pervertida: a noção de Deus, soberanamente desinteressado, porque soberanamente perfeito, a quem nada falta e que não pode senão dar está substituída pela de um ser indigente, interessado, todo ocupado em se proteger contra sua criatura.

Antes de provocar o gesto do homem, o pecado corrompeu seu espírito e, como atinge na sua própria relação com Deus, cuja imagem é, não se poderia conceber perversão mais radical nem se espantar de que acarrete conseqüências tão graves. Mudou tudo entre Deus e o homem: é esse o veredicto da consciência.

Antes mesmo de sobrevir o castigo propriamente dito,¹⁷³ Adão e Eva que gozavam até então da familiaridade divina,¹⁷⁴ ocultaram-se de Javé Deus, entre as árvores.¹⁷⁵ Partiu do homem a iniciativa e a ele cabe a responsabilidade da culpa. Foi ele que não quis mais nada com Deus e lhe fugiu; a expulsão do Paraíso ratificará essa vontade do homem, mas este então há de verificar que a ameaça não era uma mentira: longe¹⁷⁶ de Deus não há acesso à árvore da vida; resta apenas a morte definitiva.

Ruptura entre o homem e Deus

Tal fato introduz uma ruptura entre os membros da sociedade humana. Desde o Paraíso, no próprio seio do casal primordial. Mal fora cometido o pecado, desolidariza-se Adão acusando-a, daquela que lhe dera Deus como ajuda,¹⁷⁷ “osso de seus ossos e carne de sua carne”,¹⁷⁸ e o castigo consagra esta ruptura: “teus apetites te levarão ao teu marido e ele dominará sobre ti”.¹⁷⁹ Em seguida, essa ruptura estender-se-á aos filhos de Adão. Temos o assassinato de Abel¹⁸⁰ e depois o reino da violência e da lei do mais forte, celebrada no canto selvagem de Lamec.¹⁸¹

A narrativa deste primeiro pecado não termina sem que seja dada ao homem uma esperança. Veio do homem a iniciativa da ruptura, é claro que a iniciativa da reconciliação não pode vir senão de Deus. E exatamente, já nesse primeiro relato, faz Deus entrever que tomará um dia tal iniciativa.¹⁸² A bondade de Deus, desprezada pelo homem, finalmente há de triunfar; ela vencerá o mal pelo bem.¹⁸³

Este é o drama do pecado, causado pela desobediência. Desobedecendo, Adão arrasta consigo todos os seus descendentes¹⁸⁴ e, mesmo que o homem quisesse obedecer a Deus, já não é capaz,¹⁸⁵ porque é escravo do pecado.

Soubesse pelo menos aprender da criação:

*“Os astros brilham... e se alegram;
Ele os chama e eles dizem:
Aqui estamos!
E jubilosos refulgem para aquele que os
criou.”¹⁸⁶*

E o Salmista nos diz que Deus “faz dos ventos seus mensageiros e das chamas de fogo seus servidores” (Sl 104 (103), 4).

Obedientes na fé

Mas Deus precisa de obediência para executar seu plano de salvação. Quer colaboradores que adiram pela fé à sua vontade. O segredo da obediência é a fé. A obediência é o sinal e o fruto da fé.

Começa a suscitar a fé em Abraão, libertando-o, primeiro da servidão de “*outros deuses... do outro lado do rio*” (Js 24, 2s) e após tê-lo feito pobre, “*ordena-lhe encaminhar-se para uma terra que Ele lhe mostrará*” (Gn 12, 1-2). Abraão obedeceu à ordem do Senhor.¹⁸⁷

O Senhor submete o santo Patriarca a uma série de provações para ver se realmente O amava mais que a si próprio, mais que ao seu filho Isaac.¹⁸⁸ Nem sequer Deus lhe dá logo o que Abraão deseja mas, simplesmente, ordena-lhe de novo: “*Anda na minha presença e sê perfeito*” (Gn 17, 1).

“Com Abraão começa a época nova na história da humanidade, a época dos homens que têm a fé, a época dos homens a quem Deus deu o poder de crer.”¹⁸⁹

Outros campeões da obediência seguirão o exemplo de Abraão: Moisés, Jacó, Davi... cuja disponibilidade ao plano divino é tão radical que, maravilhado pela grandiosidade das promessas de Deus entrega-se todos nas mãos do Senhor, dizendo: “*Fazes como disseste*” (2Sm 7, 25).

Deus pensa em unir a Si não as singulas pessoas mas todo um povo. Escolhe Israel, os filhos de Abraão e une-os a Si com o dom da Aliança, imagem do matrimônio. Israel adere a seu Deus por uma promessa solene: “*Faremos tudo o que o Senhor disse e Lhe seremos obedientes*” (Ez 19, 8; 24, 7). Mais tarde, Israel se tornará “*uma casa de rebeldes*” (Ez 2, 5), “*filhos revoltados*” (Is 1, 2).

Por quê? Porque eles não têm ainda o Espírito Santo,¹⁹⁰ nem a “*Lei nova no fundo do seu ser*” (Jr 31, 33). É preciso

esperar a obra do Servo fiel que Javé mesmo prepara e envia. *“Todas as manhãs ele desperta seu ouvido”* (Is 50, 4), para ele poder dizer: *“Eis que venho... fazer as tuas vontades”* (Sl 40 (39), 7ss).

“Assim como pela desobediência de um só a multidão foi feita pecadora, assim também, pela obediência de um só, a multidão será feita justa.”¹⁹¹

Jesus é a nossa obediência. A obediência de Jesus é a nossa salvação.

“Todas as promessas de Deus encontraram nele o seu sim, por isto, é por ele que dizemos ‘Amém’ a Deus para glória de Deus” (2Cor 1, 20).

Para São João, Jesus Cristo é o “Amém” (Ap 3, 14). *“Ele é o ‘Amém’ definitivo do amor do Pai por nós; assume e consuma o nosso ‘Amém’ ao Pai”*.¹⁹²

O Filho de Deus, Mestre de obediência, percorre um caminho ao avesso ao de Adão e, por isso, mereceu do Pai a sua exaltação de ‘Senhor’ e a nossa glorificação nele.¹⁹³

Conhecido melhor o drama do pecado e entendido um pouco mais o mistério da obediência, compreende-se também porque a conformidade com a Vontade divina é fonte de santificação.

“... os fiéis cristãos, lembra o Vaticano II, chegarão à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade... cumprindo em tudo a vontade do Pai” (LG, n. 40). Mas só se forem *“movidos pelo Espírito Santo de Deus, obedecem à voz do Pai e seguem a Cristo pobre, humilde e carregando com a cruz para que mereçam ter parte na Sua glória”* (LG, n. 41 a).

E, repete a Lumen Gentium:

“Portanto, todos os fiéis cristãos nas condições, ofícios ou circunstâncias de sua vida e através disto tudo, dia a dia se santificarão, se com fé tudo aceitam da mão do Pai celeste e cooperam com a vontade divina.”¹⁹⁴

E, para que não se pense que isto seja só teoria, explica o Concílio: *“com o auxílio de sua graça, cumpram por obras sua vontade”* (LG, n. 42 a).

Os religiosos e religiosas encontram-se num estado ideal para alcançar a santidade se, na observância dos conselhos evangélicos que o Senhor propõe acolham *“por dom da divina graça”¹⁹⁵* e forem *“além da medida de preceito, renunciando às próprias vontades, submetendo-se ao homem por causa de Deus”¹⁹⁶*.

A alegria consiste em fazer a vontade de Deus

A submissão quer a Deus, quer ao homem por causa de Deus não é coação nem passividade mas, sim, adesão livre, conformidade alegre.

Aprendamos do Salmista: *“Quero ouvir o que o Senhor irá falar”* (Sl 86 (84, 9) e afirma que *“a sua alegria é fazer a vontade de Deus”¹⁹⁷*.

Deus tem mil maneiras para fazer conhecer a sua vontade. Antes de tudo, é preciso **ouvir**. Nas Escrituras repete-se infinita vezes **ouvi, escutai**.¹⁹⁸ Escutar aquele que fala com a autoridade de Deus.

“Owe, ó Israel”¹⁹⁹, repete dia a dia o piedoso israelita para se compenetrar da vontade de Deus. Ora, **Israel** sou eu, é você, cada um de nós que constituímos *“o Israel de Deus”²⁰⁰*. Deus nos fala pessoalmente. *“Sou eu que falo contigo”²⁰¹*, disse Jesus à mulher da Samaria. E, fala *“ao coração”²⁰²*, isto é, quer ser obedecido.²⁰³

Deus tem um plano: *“quer que todos os homens sejam salvos”* (1Tm 2, 4). Este é o resumo de toda Revelação bíblica.

Mas cada ser humano entra neste plano divino numa maneira pessoal com sua vocação temporal, seus dotes, suas capacidades e com as graças particulares que Deus lhe dá. Estão lembrados da parábola dos talentos no Evangelho? ²⁰⁴

Depois da catástrofe inicial em que o homem perdeu a comunhão direta com o seu Criador, Deus já não manifesta a sua vontade à humanidade pecadora de modo imediato e universal mas, serve-se de acontecimentos da natureza, da história ou de intermediários: os profetas, seu próprio Filho encarnado.

*“Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho.”*²⁰⁵

Jesus não se preocupa com as estruturas sociais mas começa a renovar o homem escravo do pecado. Destruindo a casuística onerosa dos fariseus leva à perfeição a antiga Lei “gravada nas tábuas de pedra”,²⁰⁶ para “no fundo do coração”.²⁰⁷ E para facilitar as coisas coloca-se a si mesmo no lugar de todos os códigos e dos livros de moral com uma só frase: “foi dito aos antigos... mas eu vos digo...”²⁰⁸ Ele torna-se o Livro vivo, o costume, a tradição, a Lei: “Fazei como eu fiz”.²⁰⁹ Porque nele, a vontade do Pai encontrou a realização perfeita, o cumprimento cabal: “Eu não vim para fazer a minha vontade mas a vontade daquele que me enviou”.²¹⁰ Agora, para conhecer a vontade do Pai, basta aderir à pessoa de Jesus e recordar pela graça do Espírito Santo “tudo o que ele disse”.²¹¹

Uma vez conhecido o que o Pai quer deve-se rezar a oração dominical “seja feita a vossa vontade”.²¹²

Dimensões da santidade

Falando das duas dimensões da santidade, dizíamos que ela constituiu-se de **vida teologal** e de **vocação temporal**, e que aquela é comum a todos, esta é específica para cada

um. Àquela é **divina**, esta é **humana**. Aquela é **transcendente**, esta é **cósmica**.

Ambas são essenciais para que a santidade possa chamar-se **cristã**.

Deve-se crer, esperar e amar a Deus de todo o coração e acima de tudo. E deve-se, ao mesmo tempo, ser fiel, heroicamente fiel aos deveres do próprio estado.

Vida teologal e vocação temporal hão de estar intimamente unidas como em Jesus que, com freqüência, retirava-se “à montanha para orar e passar a noite inteira em oração a Deus”²¹³ e, depois, descia para se encontrar com as multidões para anunciar-lhes o Reino e curar os males.

Orar e contemplar, para poder fazer mais e melhor, já foi feito por Moisés que subia ao Monte Sinai para “ouvir a Deus falar-lhe”²¹⁴ ou para suplicar-lhe o perdão para o povo idólatra²¹⁵ e depois descia para transmitir os mandamentos da Vida.²¹⁶ Igualmente fizeram Elias,²¹⁷ Isaías,²¹⁸ Paulo.²¹⁹

Para não perder a hierarquia de valores, para guardar a unidade de vida é necessária a vida interior. É quanto pede o Concílio aos Padre: “Procurando melhor o modo de transmitir a outros o que contemplaram”.²²⁰

Marta e Maria são figuras da vida contemplativa e da vida ativa. São irmãs e, portanto, não se opõem uma à outra, antes, nadam juntas, como faz observar Santa Teresa de Ávila.²²¹

Cada tipo de vocação tem suas virtudes específicas e sua espiritualidade. Uma é a espiritualidade do monge, outra a espiritualidade da mãe de família, uma a do médico, outra a do missionário. Fazia-o notar São Francisco de Sales:

“Na criação, Deus Criador mandou às plantas que cada uma produzissem fruto conforme sua espécie. Do mesmo modo, ele ordenou aos cristãos, plantas vivas de sua Igreja, que produzissem frutos de devoção, cada qual de acordo com sua categoria, estado e vocação.

A devoção deve ser praticada de modos diferentes pelo nobre e pelo operário, pelo servo e pelo príncipe, pela viúva, pela solteira ou pela casada. E isto ainda não basta. A prática da devoção deve adaptar-se às forças, aos trabalhos e aos deveres de cada um.

Diz-me, por favor, Filotéia, se seria conveniente que os bispos quisessem viver na solidão com os cartuxos; que os casados não se preocupassem em aumentar seus ganhos mais que os capuchinhos, que o operário passasse o dia todo na Igreja como o religioso; e que os religiosos estivessem sempre disponíveis para todo tipo de encontros a serviço do próximo, como o bispo.

Não seria ridícula, confusa e intolerável esta devoção.

Contudo, este erro absurdo acontece muitíssimas vezes... a devoção quando é verdadeira não prejudica a ninguém; pelo contrário, tudo aperfeiçoa e consuma. E quando se torna contrária à legítima ocupação de alguém, é falsa, sem dúvida alguma...

É um erro, senão até mesmo uma heresia, querer excluir a vida devota dos quartéis de soldados, das oficinas dos operários, dos palácios dos príncipes, do lar das pessoas casadas... Portanto, onde quer que estejamos, devemos e podemos aspirar à vida perfeita.”²²²

Outro erro grosseiro e não raro é fazer o que interessa: satisfazer as próprias paixões, e isto “o chamam de santo, e o que não desejam reputam ilícito”.²²³ Isso mesmo! Aquilo que para Deus é importante, julga-se **não grave**.

A caridade é a plenitude da Lei²²⁴

É impossível querer amar a Deus e servir ao próximo sem mortificar-se, sem se incomodar.

“A caridade assegura e purifica nossa capacidade humana de amar, elevando-a à perfeição sobrenatural do amor divino.”²²⁵

A vida moral é animada pela caridade e nos dá a liberdade de filhos de Deus ou nos levar a agir como escravos. As próprias virtudes da fé e da esperança têm que ter o **colorido** da caridade. Mesmo no culto, assim como nos atos de piedade e na observância dos preceitos divinos Deus não está nos pedindo a **esmola**, mas agir com generosidade, com alegria, fazendo mais que o necessário. Isto é amor de Deus, o qual *“ama a quem dá com alegria”*.²²⁶

Também entre as pessoas a caridade cria reciprocidade, benevolência, confiança. Ao contrário, faltando caridade sobrenatural criam-se tensões, mau humor, desconfiança, de forma que se passa a viver como **vizinhos educados**. Imagine quando isto acontece na família, entre o casal, numa comunidade religiosa.

E, realmente, acontece!

Em nome da justiça se condenam inocente.

Que acusação trazeis contra este homem?

– Perguntou Pilatos aos judeus.

Se não fosse um malfeitor, não o entregaríamos a ti.

*Nós temos uma Lei e conforme essa Lei ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus.*²²⁷

Desde o início começaram a *“odiá-lo e perseguí-lo sem motivo”*,²²⁸ só porque denunciou o seu pecado²²⁹ e falou a verdade.²³⁰

“Está nas trevas não só quem odeia o seu irmão”²³¹, mas também “quem faz pouco caso dele.”²³²

Aos fariseus que pediam sua anuência para executar a pobre mulher **surpreendida em adultério**, embora soubesse que era pecadora, Jesus nada respondia, e face à insistência daqueles **duros de coração**, saiu-se com aquela estratégia: *“Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!”²³³*

A purificação do coração é a condição necessária para não sucumbir à violência e moderar as paixões. E é também a condição prévia para a visão de Deus.²³⁴

São Tiago, assumindo a atitude dos antigos Profetas grita ao coração do homem:

*“Quem dentre vós é sábio e entendido?
Mostre pelo seu bom comportamento as suas obras repassadas de docilidade e sabedoria. Mas, se tendes inveja amarga e preocupações egoístas no vosso coração, não vos orgulheis nem mintais contra a verdade, porque esta sabedoria não vem do Alto; antes, é terrena, animal e demoníaca. Com efeito, onde há inveja e preocupação egoísta, aí estão as desordens e toda sorte de más ações.*

Por outra parte, a sabedoria que vem do Alto é, antes de tudo, pura, depois pacífica, indulgente, conciliadora, cheia de misericórdia e de bons frutos, isenta de parcialidade e de hipocrisia.

Um fruto de justiça é semeado pacificamente para aqueles que promovem a paz.

De onde vêm as guerras? De onde vêm as lutas entre vós? Não vem daqui: dos prazeres que guerreiam nos vossos membros? Cobiçais e não tendes? Então matais. Buscais com avidez, mas

nada conseguis obter? Então vos entregais à luta e à guerra. Não possuis porque não pedis. Pedis, mas não recebeis, porque pedis mal, com o fim de gastardes nos vossos prazeres.

Adúlteros, não sabeis que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Assim, todo aquele que quer ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus. Ou julgais que é vão que a Escritura diz: Ele reclama com ciúme o espírito que pôs dentro de vós? Mas ele nos dá uma graça maior, conforme diz a Escritura: 'Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes', sujeitai-vos, pois, a Deus; resisti ao diabo e ele fugirá de vós.

Chegai a Deus e ele se chegará a vós.

Purificai as vossas mãos, pecadores e santificai os vossos corações, homens dúbios. Entristecei-vos, cobri-vos de luto e chorai. Transforme-se o vosso riso em luto e a vossa alegria em desalento.

Humilhai-vos diante do Senhor e ele vos exaltará.. Não faleis mal uns dos outros, irmãos. Aquele que fala mal de um irmão ou julga o seu irmão fala mal da Lei e julga a Lei. Ora, se julgas a Lei, já não estás praticando a Lei mas, te fazes juiz da Lei. Só há um legislador e juiz, a saber, aquele que pode salvar e destruir.

Tu, porém, quem és para julgares o teu próximo?"²³⁵

Em dezessete versículos o Apóstolo apresenta uma lista de vícios e outra de virtudes. Se os vícios degradam, as virtudes aperfeiçoam o homem. Mas que em si mesmos, a Bíblia trata de vícios e virtudes em relação do homem para com Deus, conforme aproxima-se ou se afasta do Criador.

“Homem perfeito não é aquele que se dedica a tornar-se tal e sim aquele que busca a Deus e que para isto segue o caminho que Deus lhe traça e que é também o único em que ele encontrará a sua realização pessoal; essa atitude fundamental se exprime pela fórmula: ‘Caminhar com Deus.’”²³⁶

“(...) A virtude consiste num relacionamento vivo com Deus, numa conformidade com suas palavras, numa obediência à sua vontade, numa orientação profunda e estável para ele; essa relação torna o homem justo.

(...) Ao contrário, o vício fundamental é seguir a um outro deus que não ao único Deus verdadeiro...”²³⁷

“Mas essa conformidade com a ordem divina, que constitui a virtude (...) não se obtém pelo mero cumprimento dos atos que Deus prescreve; tais atos devem manifestar uma docilidade e fidelidade que têm que provir do coração e ser expressão do amor...

É no coração que está a raiz da virtude ou do vício”.²³⁸

Enquanto as virtudes estão unificadas pelo “*vínculo da caridade*”,²³⁹ os vícios não só separam os homens entre si, mas dividem o homem em si mesmo.

Virtudes pouco pensadas que acalmam a nossa psique

1. A simplicidade que se opõe à malícia

Para os puros, escreve São Paulo, todas as coisas são puras; mas para os impuros e descrentes, nada é puro: tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas.²⁴⁰

É a característica das crianças, necessária, diz o Senhor, para poder entrar no Reino²⁴¹. Não é nem ignorância, nem leviandade, nem ingenuidade mas, pureza de coração, incapaz de querer o mal. É discernimento e retidão que comporta “a prudência da serpente e a simplicidade da pomba”.²⁴²

2. Paciência nas dificuldades que se opõe à revolta

Rezo, peço a Deus, luto... nada consigo! Dizes. Lembras são Paulo?

“(...) foi-me dado um agulhão na carne, um anjo de Satanás para me espancar... a esse respeito três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder.”²⁴³

Não parece uma contradição? Deus dá de presente a Israel a Terra prometida mas este deve conquistá-la lutando contra os inimigos que Deus mesmo expulsará, mas diz a Israel:

“Não os expulsarei de diante de ti num só ano, para que a terra não fique deserta e se multipliquem contra ti as feras do campo. Pouco a pouco os expulsarei...”²⁴⁴

Já notou a diferença entre o enxadão num canto e o enxadão usado no trabalho? Aquele fica enferrujado, este é brilhoso. Assim são as pessoas. As que são provadas são mais virtuosas, mas humildes e compreensivas em oposição às que vivem na ociosidade física ou espiritual: na sua alma se multiplicam as feras, como diz a Escritura.

3. Não devo nada, e Deus me castiga... enquanto os farristas gozam!

Este escândalo não é de hoje. Está na Bíblia. E já levou muita gente séria ao ateísmo. Ou Deus não é bom como parece, ou o sofrimento lhe escapa ao seu domínio.

No Antigo Testamento o sofrimento está mais envolto em mistério do que no Novo. À luz da cruz gloriosa de Cristo ressuscitado já é mais fácil entender... embora permaneçam as sombras, porque nem todos possuem fé de Paulo que exclama: *“Alegro-me... aflições, nas angústias”*.²⁴⁵

Acham que Paulo era um estóico para cantar a majestade dos sofrimentos humanos?

Há em todos os sofrimentos e, especialmente nos sofrimentos cristãos, algo recôndito compreensível à luz da glória do Ressuscitado. À parte aquilo que já sabemos por tê-lo ouvido centenas de vezes na Igreja:

*“que todos temos a vocação ao sofrimento, pois que Cristo sofreu por nós, deixando-nos um exemplo, a fim de que sigamos os seus passos. Ele não cometeu nenhum pecado: mentira alguma foi achada em sua boca. Quando injuriado, não revidava; ao sofrer, não ameaçava, antes punha sua causa naquele que julga com justiça.”*²⁴⁶

Ou, também: *“era preciso que Cristo sofresse para entrar em sua glória”*²⁴⁷ e nós também se quisermos ser seus fiéis discípulos, *“devemos imitá-lo”*.²⁴⁸ Pois, *“é preciso passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus”*.²⁴⁹ À lógica da fé e para quem ama o Senhor isso é compreensível. Mas para iluminar o caminho sombrio também dos que não têm fé, Jesus usa a pequena parábola da videira:

“Eu sou a videira e meu Pai é o agricultor.”

Todo ramo que em mim não produz fruto ele o corta, e todo ramo que produz fruto ele o poda, para que produza mais fruto ainda.”²⁵⁰

Se o filho pródigo da parábola de São Lucas não tivesse caído na miséria, sentido necessidade e passado fome, nunca teria voltado para a casa paterna. Por isso, ao permitir os sofrimentos, Deus, como explicava Judite a seus contemporâneos, “*não está se vingando de nós, mas, para advertência, o Senhor açoita os que dele se aproximam*”.²⁵¹

Observai a sabedoria dos agricultores. Deixam as árvores selvagens crescerem à vontade, enquanto se lançam cada ano com serrote e machado contra a oliveira, a videira e figueira, cortando-lhes os ramos, ferindo-os e mutilando-os. Por quê? Ora, isto não é um mistério: a planta frutífera, se não for limpa torna-se selvagem, se ao contrário, for podada, se faz mais gentil e fecunda.

Assim também na vida humana. Os que vivem na prosperidade e levam vida fácil, se tornam grosseiros, preguiçosos e viciados. Os que, ao invés, são submetidos às tempestades da vida, se tornam virtuosos e santos.

É o que o Pai quer. Ou será que Deus é menos sábio que os camponeses?

4. Quer comais, quer bebais... tudo para a glória de Deus²⁵²

O prazer não é um mal, antes, é uma criatura de Deus colocada em nossos sentidos para ajudá-los, realizá-los e a vivermos bem.

Prazer, não a alegria e a felicidade.

Submeter-se a duros trabalhos vem recompensado pelo prazer de comer, beber na alegria da amizade. Arcar com o peso da família encontra seu prazer no sentir afeto do lar, experimentar a presença dos filhos, a intimidade da esposa.

Que mal há em tudo isso?

Não se está fazendo a vontade de Deus?

De fato, foi o Criador que inventou o trabalho, amizade, o afeto do matrimônio, o prazer da posse das coisas, o domínio sobre o universo. E, no entanto, o prazer, esta criatura tão atraente e benéfica, tão doce e penetrante, é também perigosa quando entra o desequilíbrio, tão fácil em pessoas superpaixonais como nós somos depois do pecado.

O perigo está precisamente na desordem que se cria, nos exageros que se provocam. Realmente, o exagero no comer e beber chama-se gula; o exagero no amor à posse, chama-se avareza; o exagero na procura do prazer sexual, chama-se luxúria; o exagero no repouso, chama-se acídia ou preguiça; o exagero na valorização de si, se chama soberba.

Procurar o prazer por si mesmo, no estado puro, sem os motivos pelos quais Deus nô-lo concedeu cai-se na aberração e no pecado. Sabendo do perigo a que o prazer, fora da vontade de Deus pode conduzir, os escritores bíblicos recomendam a sobriedade, a moderação: “*A sabedoria ensina a temperança e a prudência*”.²⁵³

São Paulo exorta a “*não ter de si mesmo um conceito mais elevado do que convém, mas uma justa estima, ditada pela sabedoria*”.²⁵⁴ A virtude está, pois, na sobriedade. “*Sede sóbrios*”,²⁵⁵ repete São Pedro.

5. Saber ser alegre

Como vocês, também eu convivi com gente mal-humorada e com jovens ruidosos. Mais espantoso ouvir da boca de pessoa consagrada, como para citar o Testamento de sua vida: *Não amei nada neste mundo!*

É sabido o que os médicos recitam para os ulcerosos e os sofreadores de gastrite: despreocupação, alegria, abandono a Deus. Isto no âmbito humano e terapêutico. No campo bíblico e espiritual o horizonte se alarga.

Contrariando certa Teologia pessimista, a Escritura convida à alegria saudável ao corpo, visto ser Jesus *“médico corporal e espiritual”*.²⁵⁶

Na Revelação, a alegria é pregada do Gênesis ao Apocalipse, promessa de salvação.²⁵⁷ Exílios, castigos, calamidades são sempre mitigados com promessas de salvação que suscitam a feliz esperança.

Amanhã será melhor.

De fato, a alegria tem seu caminho e seu preço.

“As alegrias da vida”,²⁵⁸ cantadas pela Escritura, encontram maior expressividade na celebração da Aliança que recorda o amor com que Deus uniu a Si Israel, como o Esposo une-se à esposa,²⁵⁹ proporcionando-lhe a alegria da salvação.

*“Vinde, exultemos de alegria no Senhor,
aclamemos o Rochedo que nos salva!
Ao seu encontro caminhemos com louvores,
E com cantos de alegria o celebremos!”*²⁶⁰

Volta continuamente à memória o grandioso Hino Pascal entoado após a passagem do Mar Vermelho superado só pelo Exultet da Páscoa cristã.

Lá, verdadeiramente, Deus é Deus.

Mesmo multiplicando as palavras, não dá para exprimir o que o coração sente:

*“Ao Senhor quero cantar, pois fez brilhar a sua glória: precipitou no Mar Vermelho o cavalo e o cavaleiro!
O senhor é a minha força, é a razão do meu cantar, pois foi ele neste dia para mim libertação!
Ele é meu Deus e o louvarei, Deus de meu pai e o honrarei.
O Senhor é um Deus guerreiro e seu nome é ‘Onipotente’.”*²⁶¹

Esta experiência única nunca será esquecida por Israel.
Antes, o Salmista pode proclamar diante da Assembléia reunida para o culto:

*“Na minha angústia eu clamei pelo Senhor,
e o Senhor me atendeu e libertou!
O Senhor está comigo, nada temo;
o que pode contra mim um ser humano?
O Senhor está comigo, é o meu auxílio,
hei de ver meus inimigos humilhados.
É melhor buscar refúgio no Senhor,
do que pôr no ser humano a esperança;
É melhor buscar refúgio no Senhor,
do que contar com os poderosos deste mundo!*

*O Senhor é minha força e o meu canto,
e tornou-se para mim o Salvador.
Clamores de alegria e de vitória
Ressoem pelas tendas dos fiéis.”²⁶²*

A alegria que o Senhor dá a seu piedoso fiel é perturbada por incompreensões, por doenças, luto fracasso, perseguição por parte dos ímpios que lhe perguntam: *“Onde está o teu Deus?”*²⁶³

Sem dúvida, ele fica triste, chora e, no abatimento, logo se lembra de Deus, e diz:

*“Assim como a corça suspira pelas águas correntes,
suspira igualmente minh'alma por vós, ó meu Deus!
Minha alma tem sede de Deus, e deseja o Deus vivo.
Quando terei a alegria de ver a face de Deus?
.....
Recordo saudoso o tempo em que ia com povo.*

*Peregrino e feliz caminhando para a casa de Deus,
entre gritos, louvor e alegria, da multidão jubilosa.*

*Por que te entristeces, minh'alma, a gemer no meu peito?
Espera em Deus!"²⁶⁴*

Se alguém perguntasse para o Salmista: *Quem é Deus para você?* Responder-nos-ia:

*É o Deus da minha salvação;²⁶⁵
É o Deus da minha alegria.²⁶⁶*

Disse que a alegria tem também o seu preço.

O homem se esquece facilmente dos benefícios divinos.

Hoje celebra a alegria da salvação e depois fabrica o seu ídolo de ouro, prostituindo-se diante dele e adorando-o diz a si mesmo: *"Este é o deus que me fez subir do Egito!"²⁶⁷*

Só porque tem que tratar com *"um Deus que se esconde!"²⁶⁸*

Moisés, ainda bem, não faltou de avisar:

"Fica atento a ti mesmo! Não te esqueças de Javé, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão! É ao Senhor teu Deus que temerás. A ele servirás e pelo seu nome jurarás."²⁶⁹

As verdadeiras alegrias estavam reservadas para o tempo de Jesus que, renovando o coração humano por seu Sangue redentor, infundiria nele o Espírito Santo, Autor da alegria espiritual.²⁷⁰

Jesus nos ensinou a confiar no Pai ²⁷¹, a não nos preocuparmos excessivamente com o dia de amanhã.²⁷² *"A cada dia basta o seu mal",²⁷³* disse ele. E o Apóstolo São

Paulo seguindo o ensinamento do Mestre exorta-nos à simplicidade já que, *“nada trouxemos para este mundo, nem coisa alguma dele podemos levar. Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso”*.²⁷⁴ E, sobretudo, não esquecer *“que a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro”*.²⁷⁵

Antes da Páscoa, Jesus observava que as preocupações e a ganância agitavam os ânimos e causavam inimizade entre os próprios irmãos: *“Alguém da multidão lhe disse: ‘Mestre, diz a meu irmão que reparta comigo a herança’”*.²⁷⁶ E eram infelizes!

Inútil dizer-lhes:

*“Vendei vossos bens e daí esmola. Fazei bolsas que não fiquem velhas, um tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão não chega nem a traça rói. Pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.”*²⁷⁷

Certo é que a presença do Senhor entre os homens suscitava a alegria.²⁷⁸ Os discípulos estavam tão acostumados com ele que, quando Jesus lhes falou de sua morte iminente, *“a tristeza encheu seus corações”*.²⁷⁹ Então o Senhor compara a sua morte a um parto:

“Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque a sua hora chegou; quando, porém, dá à luz a criança, ela já não se lembra do sofrimento, pela alegria de ter vindo ao mundo um homem. Também vós, agora, estais tristes; mas eu vos verei de novo e vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria”.²⁸⁰

A alegria será tão transbordante, dizia-lhes Jesus que *“nesse dia, não me pedireis mais nada”*.²⁸¹

Realmente, pedir o quê, quando se possui o Todo?

A “*plena alegria*”?²⁸²

Alegria tal que não só leva a vender bens e posses²⁸³ para que tudo seja comum,²⁸⁴ mas até expor a própria vida **com regozijo**, pelo amor do Mestre.²⁸⁵ Esta é um pouco a história da alegria humana e cristã. Há quem diga: *é fácil falar de alegria quando se tem o estômago cheio e o dia de amanhã assegurado! Eu, porém, com trabalho duro, filhos para manter, uma esposa impossível, dívidas para pagar...!* O cristianismo não manda cruzar os braços nem é a religião dos aposentados. Antes, é preciso trabalhar seriamente lá onde a Providência nos colocou primeiro, para não desperdiçar os dons de Deus e sermos condenados como vagabundos.²⁸⁶

Toda manhã Deus repete o mesmo convite: “*Filho, vai trabalhar hoje na vinha*”.²⁸⁷ Que vocês mais querem? Além de dar-nos “*o querer e o operar*”²⁸⁸ o Senhor nos permite trabalhar na sua “*lavoura*”,²⁸⁹ nos fornece “*a semente*”,²⁹⁰ “*nos paga no fim do dia*”²⁹¹ e, mesmo assim, não somos felizes.

Por quê? Porque não somos santos ou, ainda, não experimentamos “*o poder da ressurreição*”²⁹² ou, nunca passamos cento e oitenta minutos na intimidade com o Senhor ou, o que é mais certo, não cremos bastante.

E dizer que deveríamos ser mensageiros de alegria! Apesar dos sofrimentos, como os Apóstolos que, aflitos estavam “*sempre alegres*”²⁹³ por verem nos sofrimentos a aproximação da revelação da glória de Cristo que introduzirá os fiéis na posse da alegria transbordante e definitiva.²⁹⁴

É por isso que Paulo se faz arauto da alegria cristã:

“Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!

Que a vossa moderação se torne conhecida de todos os homens.

O Senhor está próximo!

Não vos inquieteis com nada, mas apresentai a Deus as vossas necessidades pela oração e pela

súplica em ação de graças. Então a paz de Deus que excede toda compreensão, guardará os vossos corações e pensamentos, em Cristo Jesus."²⁹⁵

A alegria, como o amor fraterno, há de **distinguir** os discípulos de Cristo. Há de levá-la impressa no rosto, se querem testemunhar o Senhor ressuscitado. Os santos souberam assumir esta missão e transformaram o mundo.

Um pouco de **bom humor** faz sempre bem aos que o cultivam e aos que o recebem. De fato, quem sorri, esquece-se de si mesmo pelos outros e faz transparecer a luz e Deus.

**“Dei-vos o exemplo...
fazei como eu fiz”.**

(Jo 13, 15)

Falamos da virtude da simplicidade, da paciência que imita a Deus, do sofrimento humanamente ilógico como poda divina para aumentar os frutos da santidade, da sobriedade cristã, da alegria como ‘prova’ de profunda vida espiritual. Poder-se-ia ter falado de outras ainda, como a docilidade, o silêncio, tão precioso no caminho da santidade, a reta intenção. Esta última, por exemplo, é sumamente necessária para a honestidade e a santidade dos atos humanos.

Aprendamos, antes de tudo, de Jesus: *“faço sempre o que lhe agrada”, isto é, ao Pai*”.²⁹⁶ Daí a norma geral de Paulo: *“fazei tudo para a glória de Deus”*.²⁹⁷

A reta intenção *“é um elemento essencial na qualificação moral da ação”*.²⁹⁸ Para isso, é necessário que sejam bons:

- ❖ **O objeto escolhido** – o bem que se quer realizar há de estar de acordo com a moralidade objetiva;
- ❖ **O fim visado ou a intenção**, tendo contudo, presente que nem sempre o ‘meio’ escolhido para um fim honesto torna boa a ação, como condenar um inocente para salvar o povo, dar esmola por vanglória;
- ❖ **As circunstâncias** *“contribuem para gravar ou diminuir a bondade ou a maldade moral dos atos humanos”*.²⁹⁹

Por exemplo, uma coisa é furtar cinquenta reais, outra, furtar quinhentos. Agir por coação também diminui a responsabilidade. As circunstâncias, contudo, não modificam a qualidade moral dos próprios atos. Uma ação má sempre má.

Silêncio

Pouco valorizado, hoje em dia, é necessário para ouvir a voz de Deus. A Constituição litúrgica o chama de “sagrado”.³⁰⁰ São Bento o chama “*taciturnidade*”;³⁰¹ e, explica: “*Falando muito não foges ao pecado*”,³⁰² visto que “*morte e vida estão em poder da língua*”.³⁰³

“*O Deus escondido*”,³⁰⁴ não é um Deus silencioso, um Deus ausente, antes, o Deus da revelação bíblica é um Deus vivo que fala diretamente a homens privilegiados e, por eles, fala a seu povo e a todos os homens.

*“Deus chamou: ‘Moisés, Moisés!’
Respondeu ele: ‘Eis-me aqui.’”*³⁰⁵

Se Deus não chama, não há vocação. Se Deus não vem, não há história. A criação é a voz de Deus que chama as coisas para a existência. A vocação é a vinda de Deus ao homem. É bom esperá-lo em silêncio. No silêncio da noite Samuel ouve a voz de Deus que o chama:

*“O jovem Samuel servia, pois, o Senhor na presença de Eli; naquele tempo, raramente o Senhor falava e as visões não eram freqüentes. Ora, ... Samuel estava deitado no santuário do Senhor... O Senhor chamou: ‘Samuel! Samuel! Samuel!’ respondeu: ‘Fala, que teu servo ouve’.”*³⁰⁶

Ouvida no silêncio a Palavra deve ser acolhida e posta em prática pois ela revela e realiza os desígnios divinos. É, também, norma de vida.

A simplicidade

A simplicidade nunca está sozinha. Anda de braço dado ora com a obediência, ora com a humildade, ora com a confiança, ora com o abandono nas mãos de Deus. A simplicidade foge da presunção na oração e da jactância em relação a Deus. Longe de imitar o fariseu orgulhoso do Evangelho de São Lucas: “*eu jejuo... eu pago... eu faço...*”,³⁰⁷ imita o grande Abraão que, orando, dizia: “*eu me atrevo a falar ao meu Senhor, eu que sou poeira e cinza*”!³⁰⁸

São Pedro percebe a misteriosa personalidade de Jesus acolhendo a Palavra do Senhor:

*“Lançai vossas redes para a pesca. Simão respondeu: Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar; mas, porque mandas, lançarei. Fizeram isso e apanharam tamanha quantidade de peixes que as redes se rompiam... À vista disso, Simão Pedro atirou-se aos pés de Jesus, dizendo: Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador!”*³⁰⁹

À consciência do pecado junta-se com frequência àquela da miséria pessoal no plano religioso e da necessidade do socorro de Deus. A indigência se faz dependência total como o servo perante o patrão e senhor:

*“Como os olhos dos escravos estão fitos nas mãos do seu senhor, como os olhos das escravas estão fitos nas mãos de sua senhora, assim os nossos olhos no Senhor.”*³¹⁰

A pobreza espiritual é uma atitude da alma que espera e recebe de Deus a salvação. O pobre da Bíblia, quer possua

bens temporais, quer não, desapega-se deles para poder herdar as riquezas do Reino de Deus.³¹¹

Mesmo devendo usar as coisas deste mundo comporta-se como se não as usasse “*pois passa a figura deste mundo*”.³¹² Compreende-se, pois, a frase de Jesus: “*Deixai as crianças virem a mim... pois delas é o Reino de Deus*”,³¹³ e daqueles e daquelas que, espiritualmente, se assemelham às crianças.

O homem na presença de Deus e suas atitudes espirituais

Acerca da presença de Deus, não há como duvidar, uma vez que se crê na Revelação. Deus impõe-se por si mesmo e é difícil não crer nele. A Escritura diz que Deus é o Altíssimo e é também o Mui-Próximo;³¹⁴ ou melhor, “*nele vivemos, nos movemos e existimos*”.³¹⁵

A presença de Deus, embora real, não é material. Nas almas santas Deus está presente de um modo todo especial que se chama **inabitação**, uma admirável união com a Divindade, da qual fala com freqüência a Bíblia.

Jesus atribui isso ao amor, quer dizer, ‘a obra do Espírito Santo: “*Se alguém me ama (...) meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada*”.³¹⁶ São Paulo, para reforçar a condenação dos pecados praticados contra à castidade do corpo humano lembra aos batizados: “*Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós*”.³¹⁷ Já o Autor do livro da Sabedoria advertia que “*a sabedoria não entra num alma maligna, ela não habita num corpo devedor ao pecado*”.³¹⁸

O exercício da presença de Deus é um chamamento contínuo à honestidade da vida, num estímulo a viver santamente. “*Anda na minha presença e sê perfeito*”,³¹⁹ disse Deus a seu amigo Abraão. Tomando consciência disso, o

amigo se pergunta como pode agradar o Amigo, o filho ao Pai, a esposa ao Esposo.

Diz o profeta Miquéias:

“Foi-te revelado, ó homem, o que é o bem e o que o Senhor exige de ti: principalmente praticar a justiça e amar a misericórdia, e caminhar humildemente com o teu Deus.”³²⁰

O Salmista dá as razões de por que quer amar a Deus, ser-lhe obediente, ser humilde...: *o Senhor é bom para comigo*, diz ele.

“Eu amo o Senhor, porque ouve o grito da minha oração. Inclinou para mim seu ouvido, no dia em que eu o invoquei. Prendiam-me as cordas da morte, apertavam-me os laços do abismo; invadiam-me angústia e tristeza: eu então invoquei o Senhor: ‘Salvai, ó Senhor, minha vida!’ O Senhor é justiça e bondade, nosso Deus é amor-compaixão. É o Senhor quem defende os humildes: eu estava oprimido e salvou-me. Ó minh’alma, retorna à tua paz, o Senhor é quem cuida de ti!

Libertou minha vida da morte, enxugou de meus olhos o pranto e livrou meus pés do tropeço. Andarei na presença de Deus, junto a ele na terra dos vivos.”³²¹

Há experiências que nunca se esquecem. Talvez foi a meditação de Jesus crucificado que fazia dizer a São Paulo: *“quero viver na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim”³²²*. E quis fazer-se pobre *“por amor de Cristo”*,³²³ disposto a sofrer e morrer por ele, certo de que nada e ninguém o *“separaria do amor de Cristo”*.³²⁴

A relação do homem justificado com Deus

*“Se me amais... diz o Senhor, aprendei de mim...
Eu sou o Caminho.”*³²⁵

A doutrina da inabituação da Trindade no homem faz-nos compreender a **deificação** do ser humano. O Pai, o Filho e o Espírito Santo vêm habitar nele, diz João.³²⁶

A união com Jesus Cristo, a imitação de sua vida terrena é chamada **crístificação**. Configurar-se com o Verbo encarnado até poder dizer com São Paulo: *“Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”*.³²⁷

A esta altura pode-se falar de santidade: *“O processo de santificação é um processo de crístificação”* escreve Royo Marin.³²⁸

A íntima relação do homem justificado com as Pessoas divinas há de brotar da **devoção**, fruto da purificação espiritual e da oração. Chama-se também **piedade**. Quer uma como a outra devem exprimir-se como ouvimos de Miquéias, em atos de justiça, misericórdia, humildade.

Devoção

Do latim **devóveo**, que significa consagrar, oferecer em sacrifício, é querer servir a Deus com total submissão e afeto, fazendo quanto lhe agrada, reconhecendo a sua supremacia e o domínio sobre todas as coisas, mesmo sobre a vida humana. Isso vem a ser a virtude da religião.

Faltando esta disponibilidade, os atos religiosos, esmo os mais significativos, resultam sem valor perante Deus, que os condena na Sagrada Escritura. Diz, de fato, em Oséias: *“É o amor que eu quero e não o sacrifício, conhecimento de Deus mais do que holocaustos”*.³²⁹

Pelo evangelista Mateus renova a condenação já feita pelo profeta Isaías: *“Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me prestam culto”*.³³⁰

*“Sejam espertos, diz-nos Jesus. Vocês dão esmola, rezam muito, jejuam... por que o fazem? E para quem? Se fazem isso para agradar ao Pai, o Pai lhes dará a recompensa, mas se o fazem por vaidade, esperem ser recompensados pela vaidade”!*³³¹

Para conhecer o meu pensamento acerca de tudo isso, repete o Senhor, leiam o que ensina o apóstolo Paulo: *“aquilo que não leva a marca do amor, não vale diante do Pai”*.³³²

A impiedade

Vocês sabem que nem todo pecador é ímpio, mas todo ímpio é pecador. O ímpio é detestável porque despreza a Deus. Tipo de atitude insolente foi a do Faraó: *“Quem é Javé para que ouça a sua voz e deixe Israel partir?”*.³³³

A impiedade é um mistério para nós incompreensível que envolve a humanidade após a desobediência de Adão³³⁴ e encontra o seu antídoto no *“mistério da piedade”*,³³⁵ instaurado pelo Filho na terra. Nele *“a graça de Deus se manifestou para a salvação de todos os homens. Ela nos ensina a abandonar a impiedade e as paixões mundanas, e a viver neste mundo com autodomínio, justiça e piedade”*.³³⁶

O Filho é por excelência o **Piedoso** perante o Pai. Nele, o Pai revela a sua fidelidade, seu amor entranhável³³⁷, sua misericórdia eficaz, pois, muda os corações embrutecidos em corações filiais que, movidos pelo Espírito Santo, clamam: *“Pai! Meu Pai”!*.³³⁸

É preciso partir daqui para abraçar o Pai com os braços do afeto, obedecer-lhe com alegria e *“amá-lo de todo o coração, de toda a inteligência e com toda a força”*.³³⁹

“Credes em Deus Pai, crede também em mim”.³⁴⁰ Jesus não pede a devoção, pede a fé e, antes que na sua pessoa, em sua obra. Suas afirmações não admitem dúvidas. Iguale-se ao Deus de Moisés, de Abraão, de Elias, de Davi,

de Paulo: “*se não crerdes que Eu Sou, morrereis em vossos pecados*”.³⁴¹ É preciso crer em sua obra redentora: “*Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis que Eu Sou*”.³⁴²

Aos piedosos gregos que queriam vê-lo, o Senhor os envia para o mistério da cruz.³⁴³ E para reforçar a idéia de que no campo sobrenatural tudo está nas mãos dele, afirma: “*Sem mim, nada podeis fazer*”.³⁴⁴ Ele sabe que se pode ter dele um conhecimento errado ou superficial e faz disso objeto de sua oração ao Pai: “*Que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo*”.³⁴⁵ São João é realista. “*Aquele que diz: Eu o conheço... deve também andar como ele andou*”.³⁴⁶

Os caminhos de Jesus, como os de seu Pai,³⁴⁷ são desconcertantes. Deus pede sempre mais, sempre melhor. O homem tem que aprender a “*andar com seu Deus*”,³⁴⁸ por isso, para indicar uma conduta moral segura, Deus faz o dom da Lei e intervém para castigar as desobediências do seu povo.

O primeiro mandamento que sustenta todos os demais é a proscrição da idolatria: “*Eu sou o Senhor teu Deus (...) não terás outros deuses diante de mim*”.³⁴⁹ Por seus Profetas e Sábios, Deus ensina os seus a escolher o “*bom caminho: o caminho da virtude,*³⁵⁰ *da justiça,*³⁵¹ *da verdade,*³⁵² *da paz,*³⁵³ *da vida.*³⁵⁴ Imitar, em suma, “*a santidade do próprio Deus*”.³⁵⁵

Ideal altíssimo, mas não impossível. Com a vinda do Filho em carne humana, Deus invisível, intocável, pode ser visto e tocado. Sim, o Verbo se fez carne, Deus se fez homem. O homem viu Deus sobre a terra. E São João dirá com palavras inigualáveis que nos tocam profundamente, com um testemunho que abala:

*“O que era desde o princípio,
o que ouvimos,
o que vimos com os nossos olhos,
e tocamos com as nossas mãos,
ou seja, o Verbo da Vida...”*³⁵⁶

Jesus passa pelos caminhos da Palestina e chama os homens a segui-lo. “*Segui-me*”, diz com autoridade a Simão e André, a Tiago e a João, a Mateus.³⁵⁷ O Senhor obtém a adesão à sua pessoa, não a uma doutrina ou a um comportamento de vida. Seguir Jesus significa **imitá-lo** até o sacrifício.

Para Paulo seguir Cristo é conformar-se no seu mistério de morte e de ressurreição. Jesus Cristo não é só modelo de vida, é fonte de vida e de vida santa, pois, “*se tornou para todos os que lhe obedecem princípio de salvação eterna*”.³⁵⁸ “*Ele é a nossa Páscoa!*”,³⁵⁹ “*Morrendo, destruiu nossa morte, ressurgindo, deu-nos a vida*”.³⁶⁰ O batismo sepultou o homem-Adão, o **velho homem** e fez nascer o “*Homem Novo*”,³⁶¹ que é preciso “*revestir*”,³⁶² vivendo “*vida nova*”,³⁶³ resumida por Paulo nesta palavra:

*“andai em amor... como Cristo.”*³⁶⁴

A antiga expressão “*Contrária iuxta se pósita magis lucescunt*”, isto é, “*coisas opostas colocadas juntas, refulgem com maior brilho*”, fazem compreender a beleza da santidade em relação ao pecado, a grandeza da graça em oposição à miséria moral do homem. Assim se opõem a violência e a paciência, a vingança e o perdão, a piedade e a impiedade.

Se se pudesse conhecer intimamente a história secreta de cada santo e santa, veríamos as dificuldades, as lutas sustentadas na escolha do bem, da virtude, do amor.

Os santos se formaram numa estrutura social que pouco favorece a vida virtuosa. As dificuldades não estão só fora de nós, mas dentro de nós mesmos, na família, no ambiente em que se vive. Tem razão Jesus: “*os inimigos do homem serão seus próprios familiares*”.³⁶⁵ As dificuldades aumentam quando o homem encontra-se sob o domínio do pecado, antes de receber a graça de Deus: “*não entendo – diz Paulo – não pratico o que quero; mas faço o que detesto... Na realidade, não sou mais eu que*

*pratico a ação, mas o pecado que habita em mim, isto é, na minha carne”.*³⁶⁶

A ruptura inicial do homem com Deus, fonte da Vida e origem da santidade, pesa sobre a humanidade. Aquele “*ter vergonha de ficar na presença divina*”,³⁶⁷ que se opõe a “*os dois estavam nus, ... e não se envergonhavam*”,³⁶⁸ não é uma banal expressão. O pecado corrompeu o espírito do homem, de sorte que, dividido em si mesmo, desolidariza-se Adão de Eva, acusando-a (Gn 3, 12), e a ruptura estende-se aos filhos de Adão: temos o assassinio de Abel (Gn 4, 8) e a corrupção de toda a humanidade:

*“O Senhor viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo desígnio de seu coração.”*³⁶⁹

O homem não nasce bom. Nascemos todos em um plano não horizontal, mas inclinado. No fundo deste plano está o mal, em cima está o bem. É mais fácil descer do que subir. De fato, a virtude exige esforço, energia; o vício não.

Nascemos com uma natureza enferma. Nossos progenitores nos transmitiram uma tara hereditária: o micróbio de uma profunda astenia espiritual.

Alguma luz brilha nas trevas daquela noite escura: o piedoso Abel (Gn 4, 4), e o bom Noé, que “*encontrou graça aos olhos do Senhor*” (Gn 6, 8) e o patriarca Henoc que “*andou com Deus... (e) Deus o arrebatou*” (Gn 5, 24) por sua piedade.³⁷⁰

São Paulo faz um rápido exame sobre os desvios morais da humanidade entregue ao pecado (Rm 1, 18-32), provocando “*a ira de Deus*”.³⁷¹

Continua “*a terra está cheia de violência por causa dos homens*” (Gn 6, 13): destruição brutal, estupros, violação da justiça, atos desmesuradamente incontidos. Lamec “*mata um homem por uma ferida*” (Gn 4, 23); Simeão e Levi vingam a irmã Dina violentada com cutelos (Gn 34), que seu pai Jacó

chamou de *“instrumentos de violência”* (Gn 49, 5). Massacres, perseguições, matanças de inocentes, como a do ímpio rei Acab que assassina Nabot para apoderar-se de sua vinha (Cf. 1Rs 21, 8-16).

Os profetas lamentam o estado de violência em que o povo mergulhou (Cf. Am 3, 10; Jr 6, 7; 20,8; Is 60, 18), e apelam a Javé que é o único a poder remediar esse estado de injustiça (Cf. Hab 1, 3).

Este é o homem que colocou a máscara de Caim. *“Acaso sou guarda de meu irmão?”*, respondeu grosseiramente a Deus, que lhe perguntava por Abel (Gn 4, 9).

Progressivamente Deus vai educando o homem e reconduzindo-o à razão, visto que a violência obscurece a razão. É a força de quem não tem razão. Por isso, prescreve-lhe a *“lei de Talião”* (Ex 21, 24), que é já um progresso considerável em relação aos tempos de Lamec (Gn 4, 15.24).

“À ousadia de querer penetrar ‘nos céus’ pela construção da torre de Babel Deus intervém confundindo a sua linguagem e dispersando os homens ‘por toda a face da terra’.” (Gn 11, 1-8).

Vê-se neste fato o castigo de um pecado coletivo que encontrará a sua resposta na obra do Redentor (Jo 11, 52) e no milagre de Pentecostes (At 2, 5-12).

Dada *“a experiência do mal e do sofrimento (...) Deus pode parecer ausente e incapaz de impedir o mal”* (CIC, n. 272).

Se *“Ele faz tudo o que quer”*, porque *“tudo pode”* e *“nada lhe é impossível”*, como afirma a Revelação divina (Sl 115, 3; Sb 11, 23; Gn 18, 14; Lc 1, 37), *“por que (...) não impediu o primeiro homem de pecar?”* (CIC, n. 412).

Deus tem *“caminhos”* misteriosos que escapam à compreensão humana (Cf. Is 55, 8s).

Uma coisa é certa, quis que o ser humano fosse livre, e o respeita, mesmo quando abusa de sua liberdade, e escolhe

contra o seu Criador. Longe de coagi-lo, espera Deus que livremente volte para ele, “*pelo conhecimento e o amor*” (CIC, n. 356).

Explica ainda S. Leão Magno: “*A graça inefável de Cristo deu-nos bens melhores do que aqueles que a inveja do Demônio nos havia subtraído*” (Serm. 73, 4, citado no CIC, n. 421).

E também S. Tomás de Aquino, olhando para a História santa realizada por Deus, afirma:

“Nada obsta que a natureza humana tenha sido destinada a um fim mais elevado após o pecado. Com efeito, Deus permite que os males aconteçam para tirar deles um bem maior. Onde a palavra de S. Paulo: ‘Onde abundou o pecado, superabundou a graça’ (Rm 5, 20). E o canto do Exultet: ‘Ó feliz culpa, que mereceu tal e tão grande Redentor’.”³⁷²

“Veio do homem a iniciativa da ruptura; é claro que a iniciativa da reconciliação não pode vir senão de Deus...

Deus (...) tomará um dia tal iniciativa.”³⁷³

A bondade, desprezada pelo homem, finalmente há de triunfar; ela ‘vencerá o mal pelo bem’.”³⁷⁴

O Gênesis já mostra esta bondade atuando... ela escolheu Abraão e o retirou do mundo pecador (Gn 12.1; cf. Js 24, 2s.14), a fim de que ‘por ele se abençoassem todas as nações da terra’ (Gn 12, 2s que responde visivelmente às maldições de 3, 14ss).”³⁷⁵

“Sai da tua terra...”

Atraindo a Si Abraão, Deus dá início a seu plano de salvação. Após libertá-lo da “*servidão dos ídolos*” (Js 24, 2),

o torna pobre e sem nenhuma segurança humana (Gn 12, 1), para, mais fortemente, uni-lo a Si pela fé.

É Deus quem fala: *“Sai da tua terra... para a terra que te mostrarei”* (Gn 12, 1).

“Abraão partiu, como lhe disse o Senhor” (Gn 12, 4).

Partiu sustentado só pela fé na Palavra de Javé. Continuará a crer em Deus também quando a sua fé for posta a provação: será capaz de sacrificar seu filho por amor d’Aquele que o chamou (Gn 22).

A obediência do Patriarca glorifica imensamente o Senhor. Mostra que Deus é Deus e que dispõe tudo para o bem da sua criatura.

Com Abraão tem início a história dos homens que têm fé.

A fé é a coisa mais extraordinária do homem sobre a terra.

“Com a fé a relação da criatura com o Criador torna-se estreita, torna-se consciência, diálogo, oração, amizade: ‘Quererei eu deixar oculto a Abraão o que estou para fazer?’.”³⁷⁶

Não é sem razão que Deus quis fazer-se conhecer como *“o Deus de Abraão”* (Gn 26, 24; Ex 3, 6).

Depois virão Jacó que, *“lutando contra Deus”* (Gn 32, 29; Os 12, 4), faz-nos compreender o **mistério da oração** *“como tensão de amor entre a criatura e o Criador”*;³⁷⁷

Moisés, **servo e amigo de Deus**.

De uma humildade sem igual (Ex 4, 10-13; Nm 12, 3), Deus o declara seu amigo fiel (Nm 2, 7s) e como tal o trata (Ex 33, 11); revela-lhe não a sua glória, como o santo pedia (Ex 33, 12-23), mas o seu Nome (Ex 3, 13-15).

Davi, figura do Rei-Messias, é o **“bendito de Deus”** herda as promessas feitas aos Patriarcas e responde a Deus: *“Faze como disseste”* (2Sm 7, 25).

Já nestes seus servos Deus dá exemplos a seguir, modelos a imitar.

Abraão para evitar discórdia com o sobrinho Ló, separa-se dele (Cf. Gn 13, 8ss). Moisés responde às ameaças e rebeliões dos seus com a paciência e o perdão: *“Perdoa o seu pecado”*, pede a Deus (Ex 32, 31s).

Davi, embora tenha sido sobremaneira injusto em mandar matar Urias para ficar com sua esposa Bersabéia (2Sm 11), mostra-se, contudo, magnânimo, por duas vezes, para com Saul que lhe preparava emboscadas (1Sm 24; 26; 18, 10s; 19, 9-17). Nem se vinga das maldições de Semei (2Sm 16, 5-13; 19, 19-24).

A rigidez da Lei de Talião é superada pela lei mais humana e eqüitativa: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”* (Lv 19, 18).

Com isso proíbe-se o ódio ao irmão, a vingança e o rancor contra o próximo (Lv 19, 17s).

Os Sábios aprofundam mais a lei do amor fraternal, comparando-o com o amor de Deus:

“Perdoa a teu próximo seus erros; assim, quando rezares, teus pecados te serão perdoados. Se um homem nutre algum rancor contra outrem, como pode pedir a Deus a saúde? De um homem, seu semelhante, não tem compaixão, e rezará por suas próprias falhas?”³⁷⁸

O Livro da Sabedoria lembra ao homem que deve tomar como modelo a *“bondade”* de Deus e exercer a misericórdia (Sb 12, 22).

Deus santifica o seu povo

Ao escolher Israel por seu povo, Deus o **santifica**, quer dizer, **o separa dos outros povos**, e lhe dá uma norma de conduta: *“Sede santos, porque eu, Senhor vosso Deus, sou santo”* (Lv 19, 2). A santidade de que se fala aqui não é ainda

aquela transcendente do Senhor, mas a retidão, a justiça, a pureza exigida pelo culto divino.

Viver juntos já se torna mais fácil, porque Javé atrai a Si Israel, como o Esposo a esposa. O Código da Aliança, os Mandamentos que exprimem a vontade divina, é proclamado solenemente por Moisés, e o povo se compromete: *“Tudo que Javé disse, nós o observaremos”* (Ex 19, 7s).

Progressivamente Deus restabeleceu o diálogo de amor com a sua criatura, inicialmente, interrompido pelo pecado da desobediência.

O drama de desobediência encontra a sua contrarresposta nestes gigantes da fé e da adesão total à Palavra de Deus que pode assim realizar seu plano de salvação.

Mesmo que muitos em Israel se mostraram *“filhos revoltados”* (Is 1, 2), o amor à Aliança, o apego à Lei fizeram mártires no antigo povo de Deus, como foi o caso no tempo dos Macabeus (2Mc 6-7); assim também mais tarde Rabi Aqiba, morrendo pela sua fé em 135 depois de Jesus Cristo, testemunhará seu amor a Deus, dizendo:

“Eu o amei de todo o meu coração, e com toda minha fortuna; eu ainda não tinha tido ocasião de amá-lo com todo o meu eu (alma). Chegou o momento.”

Quando estas sublimes palavras eram pronunciadas, a revelação plena do amor já tinha sido feita aos homens por Jesus Cristo.

O amor universal

Se, pois, ao israelita era ordenado *“amar o próximo como a si mesmo”* (Lv 19, 18), e a palavra **próximo** tem aqui inegavelmente um sentido bastante restrito, a seus discípulos Jesus manda amá-lo *“como ele o amou”* (Jo 15, 12).

Eis como ele amou: *“Ninguém tem maior amor, do que aquele que dá a vida por seus amigos”* (Jo 15, 13).

Nos tempos mais próximos da vinda de Jesus, o judaísmo também conheceu o amor universal: o estrangeiro, o pobre, o adversário, o inimigo.³⁷⁹

O próximo vem a ser todo ser humano, independentemente de raça, de cor, de condição social, de religião. Ora, amar o homem, todo homem:

“é a coisa mais fácil e mais difícil ao mesmo tempo. Mais fácil quando você é jovem e está ligado ao homem pelo otimismo ou pelo sentimento, pela natureza ou pelo interesse; mais difícil quando você é abandonado e repellido por todos, como aconteceu com Jesus na noite da traição. Saiba que o homem não é somente o irmão simpático ou a irmã atraente de seu grupo, mas é Judas, o Capitalista, o Egoísta, o Branco racista que o contempla com desprezo, o Clérigo insuportável que se sente perfeito.

O homem é o homem, todo homem: santo ou delinqüente, americano ou chinês, árabe ou hebreu, branco ou negro, clerical ou anticlerical. Se fosse possível ao homem comum amar o homem, servir o homem até o fundo, isto é, até o sacrifício de si mesmo sem Cristo, sem a ajuda pessoal de Deus, teria sido inútil a Encarnação.

Nenhum homem é capaz de tanto. Mais cedo ou mais tarde descobrirá em si mesmo o quanto é imaturo o seu amor, o quanto é heróico amar, quanto necessária é ‘a força que vem do Alto’.”³⁸⁰

Tinha razão Jesus ao dizer: *“Sem mim, nada podeis fazer”* (Jo 15, 5).

Entenda-se. Sem Cristo, pode-se trabalhar, ganhar, progredir, abrir negócios, construir. Tudo isso os homens conseguem perfeitamente. E, no entanto, fazem guerra, se destróem, se odeiam, se drogam, se prostituem, se separam os casados.

Homo homini lupus! O irmão devora o irmão.

A passagem do amor humano para a caridade cristã é radical. Escreve ainda Carreto:

“o amor é uma reta, isto é, a união de dois pontos no espaço da criatura. A caridade é um triângulo. A revolução do coração está aqui: transformar a reta dos nossos amores em triângulos que tenham no vértice a presença Trinitária de Deus. Esta presença de Deus em nosso amor e a aceitação de todas as exigências trazidas por ela é a salvação, a sublimação deste amor. O amor torna-se caridade.”³⁸¹

E a caridade é o modo de amar a Deus.

Ou melhor, é Deus amando em nós, como diz S. João:

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus” (1Jo 4, 7).

Da morte para a vida

O amor é dom.

Quando isso acontece, é como ressuscitar um morto, porque exige-se o poder criador de Deus (Ez 36, 26s; Sl 51 (50), 12) que **faz passar** “da morte para a vida” (1Jo 3, 14).

Então você não sabe se é você mesmo ou o Cristo que está em você e age sobrenaturalmente, divinamente.

Conta-se de S. João Gualberto:

“ele acreditava residisse totalmente a glória nos aplausos que o mundo jamais regateia a quem quer que oprima um adversário mais fraco. Tinha ainda por indiscutível que a mais cabal satisfação da alma se encontrava em contemplar a longa e penosa agonia, ou a repentina morte de um inimigo.

Seria porventura possível precisar o instante exato em que João Gualberto se sentiu literalmente metamorfoseado? Isto se deu quando, arremessado ao solo a espada, curvou-se sobre seu inimigo, imprimindo-lhe na fronte o beijo do perdão.

Nesse ósculo pôde o Santo saborear o cúmulo da alegria de que é capaz uma alma porque esse gesto pô-lo em contato com a divindade, revelou-lhe, como um raio de luz, um mundo novo, mundo de graça, de amor e de paz, repentinamente conquistado.”³⁸²

E o milagre aconteceu realmente, pois, João Gualberto, que teve o único irmão assassinado, “tomara o Santo compromisso de punir o delito e assim vingar a injúria feita à família”.

“... todas as manhãs... partia o Santo... à cata de seu mortal inimigo.

Eis que, na sexta-feira Santa do ano 1028, João Gualberto tendo saído de casa impulsionado pelo pertinaz espírito de vingança, prestes a entrar em Florença vê numa curva do caminho, o assassino de seu irmão.

Logo esporeia o cavalo, desembainha a espada, lançando-se sobre o inimigo aos gritos de: ‘Considera-te homem morto!’.

O infeliz, vendo-se impossibilitado de fugir, ou pelo menos de defender-se, lança-se de joelhos,

*cruza os braços sobre o peito e implora piedade: 'Por amor de Cristo, de quem hoje recordamos a dolorosa paixão, perdoa o meu pecado'. Diante de tal atitude e de tais palavras, João atira ao solo a espada, apeia do cavalo, abraça ternamente o inimigo e beija-o com afeto. A seguir, como se não acreditasse em si mesmo, olha para as próprias mãos para dar-se conta de que estão puras de sangue. Nesse instante, sobe-lhe ao coração inenarrável paz e indizível doçura... São João Gualberto, tomando pela mão o que tinha sido seu inimigo, e que já agora ocupa em seu coração o lugar do irmão assassinado, sobe a pequena escadaria, entra na Igreja, ajoelha-se diante do crucifixo bizantino. E quando com lágrimas, está a contar ao Cristo crucificado a alegria de haver perdoado, nota que o Crucifixo se destaca da parede e se inclina para ele a manifestar-lhe, com sinal sensível, quanto lhe havia agradado o perdão concedido em seu nome."*³⁸³

Tem razão S. João:

"esta é a mensagem que ouvistes desde o início: que nos amemos uns aos outros, não como Caim, que, sendo do Maligno, matou seu irmão. E por que matou? Porque suas obras eram más, ao passo que as do seu irmão eram justas. Não vos admireis, irmãos, se o mundo vos odeia. Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Aquele que não ama permanece na morte. Todo aquele que odeia o seu irmão é homicida; E sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele.

*Nisto consiste o Amor: ele deu sua vida por nós.
E nós também devemos dar a nossa vida pelos
irmãos.*"³⁸⁴

“Estão em ti as nossas fontes”

(Sl 87 (86), 7).

A Tradição indica os meios externos de santificação, entre os principais são:

- ❖ A Sagrada Escritura;
- ❖ Os Sacramentos, sobretudo a Eucaristia;
- ❖ A celebração da Liturgia;
- ❖ A devoção a Nossa Senhora e aos Santos;
- ❖ Os conselhos evangélicos.

As fontes

“Estão em ti as nossas fontes”, dizia o Salmista, dirigindo-se à Igreja que Jesus Cristo iria fundar como **comunidade de salvação** segura, pois, “as potências do Mal nunca prevalecerão contra ela” (Mt 16, 18).

E dado que “a graça (...) jorra das veias invisíveis da Igreja visível” (Carreto, Obra citada, p. 214), sucede que “A Igreja, unida a Cristo, é santificada por Ele; por Ele e nele torna-se também ‘santificante’” (CIC, n. 284).

Com efeito, “É na Igreja que está depositada ‘a plenitude dos meios de salvação’. É nela que adquirimos a santidade pela graça de Deus”, afirma ainda o Catecismo.³⁸⁵

Contudo, chamar a Palavra de Deus ou os Sacramentos de **meios** ou **instrumentos** é empobrecê-los, sendo que são propriamente **atos** de Cristo e da Igreja

que exigem a colaboração de quem os celebra ou os recebe.

A Palavra de Deus escrita ou a sagrada Escritura é chamada também: *“Carta outorgada pelo Pai celeste ao gênero humano peregrinante longe da pátria, e que os autores sagrados nos transmitiram”*.³⁸⁶

Lendo-a, você é levado a perguntar-se: Como esta passagem da Escritura é Palavra de Deus para mim, hoje?

Outra coisa importante é *“que Deus na Sagrada escritura falou através de homens e de modo humano”*.³⁸⁷

Por isso, lendo o Pentateuco ou as Cartas de Paulo ou os Evangelhos, é Deus mesmo que fala:

*“Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (Cf. Col 1,1 5; 1Tm 1, 17), levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos (Cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14-15), e com eles se entretém (Cf. Br 3, 38) para os convidar à comunhão consigo e nela os receber.”*³⁸⁸

Na escritura, portanto, passa-se a conhecer não só as **palavras** e as **obras** da História da Salvação, cuja finalidade é a *“salvação do homem”* (id. ib.), mas aprende-se *“a eminente ciência de Jesus Cristo (Fl 3, 8). ‘Porquanto ignorar as Escrituras é ignorar Cristo’”*.³⁸⁹

Aproximando-se do Livro santo, é preciso dispôr o espírito para acolher com fruto a Palavra divina.

Fazer como o Salmista, que dizia: *“Quero ouvir o que o Senhor irá falar”* (Sl 85 (84), 9); e, em seguida, ler com *“a inteligência da fé”* (Cf. Rm 1, 5; 16, 26; 2Cor 10, 5-5). Ensina, de fato, o Vaticano II:

“Para que se preste essa fé, exigem-se a graça prévia e adjuvante de Deus e os auxílios internos do Espírito Santo, que move o coração e converte-o a Deus, abre os olhos da mente... A

*fim de tornar sempre mais profunda a compreensão da Revelação (que supera) inteiramente a capacidade da mente humana.*³⁹⁰

Deus deu-nos a sua Palavra não para aprimorar nossa formação intelectual, mas formarmos uma **mentalidade bíblica**. Assim, pois, da Escritura, “*fonte de toda verdade salvífica*”,³⁹¹ recebe-se a “*disciplina de costumes*”,³⁹² isto é, as normas para viver retamente.

Ora, Deus nos fala como Senhor e Mestre, quer dizer, com a autoridade de Criador e a suavidade de Pai. Conhece-se a Deus³⁹³ e conhece-se o **homem**: sua origem, suas limitações de criatura, suas mais profundas aspirações, sua vocação última, seu eterno destino.

A Palavra **se cumpre** quando é proclamada para a “*Igreja crente e orante*”³⁹⁴ e então o Espírito dá a **graça da revelação**, a compreensão do mistério que as palavras humanas escondem.

Dize-o formosamente a Constituição conciliar:

*“o Deus que outrora falou mantém um permanente diálogo com a esposa de seu dileto Filho, e o Espírito Santo, pelo qual a voz viva do Evangelho ressoa na Igreja...”*³⁹⁵

O **diálogo** de Deus com a sua criatura, do Pai com o filho, do Esposo com a alma-esposa torna-se “*ordem, promessa, advertência, admirável modelo de preces*” (DV, n. 15) e, ainda, “*firmeza da fé, alimento da alma, pura e perene fonte da vida espiritual*” (DV, n. 21).

Dizem os Padres conciliares, citando uma expressão de S. Ambrósio: “*a Ele falamos quando rezamos; a Ele ouvimos quando lemos os divinos oráculos*”.³⁹⁶

E é então que a Escritura torna-se **existencial**, porque você ouve a Deus pronunciar o teu nome e dar-te uma ordem:

“não comerás...” (Gn 2, 17) e, passando, te chamará: “Onde estás?” (Gn 3, 15), o qual te procurará como a ovelha perdida e entregará sua vida por ti, de forma que poderás dizer com S. Paulo: “o Filho de Deus me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2, 20).

Como Abraão, te dirá: “Sai da tua terra” (Gn 12, 1), de ti mesmo, e vai para a terra prometida, Jesus Cristo; “Não temas...! Eu sou o teu escudo, tua recompensa será muito grande” (Gn 15, 1b).

“Eu sou o teu Deus, anda na minha presença e sê perfeito” (Gn 17, 1).

E quando perguntares e pedires algo para o Senhor, digas, como Abraão: “Eu me atrevo a falar ao meu Senhor, eu que sou poeira e cinza”! (Gn 18, 27).

Contemplando a grandeza e a beleza da criação, não é espontâneo dizer:

*“Narram os céus a glória de Deus,
e o firmamento apregoa as obras de suas
mãos?”³⁹⁷*

Ou, também: unir-se as criaturas todas, e exclamar:

*“Bendize, minha alma, ao Senhor!
Ó meu Deus e meu Senhor, como sois
grande!”³⁹⁸*

Para aprender que as criaturas – os ventos, o fogo, o orvalho, o gelo e a neve, o frio e o calor, os montes e os mares... – são servidores da vontade divina, digo com o profeta Daniel:

*“Obras do Senhor, bendizei ao Senhor,
louvai-o e exaltai-o para sempre.
Céus, bendizei ao Senhor,
Louvai-o e exaltai-o para sempre.
Sol e lua, bendizei ao Senhor,*

*Louvai-o e exaltai-o para sempre.
Chuva e orvalho, bendizei ao Senhor,
Louvai-o e exaltai-o para sempre.*³⁹⁹

Para eu me converter e tornar-me simples como uma criança, e poder entrar no seu Reino, Deus me ameaça e me enche de temor:

*“Quantos anos estás me desgostando...
andando sempre por caminhos errados!
E por isso (te juro) na minha ira:
‘Não entrarás no meu repouso prometido!’”*⁴⁰⁰

Com Paulo reconheço que “*não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero*” (Rm 7, 20). Parece que “*não sou eu que estou agindo ...*”, então grita o Salmista:

*“Ó Deus, ouvi a minha voz, o meu lamento!
Salvai-me a vida do inimigo aterror!”*⁴⁰¹

E, para sentir-me seguro, rezo:

*“Conduzi-me às alturas do rochedo,
e deixai-me descansar nesse lugar!
Porque sois o meu refúgio e fortaleza,
Torre forte na presença do inimigo.”*⁴⁰²

Por sua solidez, o rochedo exprime bem a idéia de salvação, pois oferece, sobretudo a sua cavidade, um abrigo seguro para o fugitivo.

Israel experimentou muitas vezes que Javé fora seu Rochedo de salvação, e foi assim que se mostrou na libertação do Egito.

Vemo-lo no canto da vitória após a passagem do mar Vermelho:

*“Ao Senhor quero cantar, pois fez brilhar a sua glória:
precipitou no mar Vermelho o cavalo e o cavaleiro!
O Senhor é minha força, é a razão do meu cantar,
Pois foi ele neste dia para mim libertação!
Ele é meu Deus e o louvarei...”⁴⁰³*

Moisés diz a Israel: *“Ele é a Rocha”* (Dt 32, 4).
O Salmista estremece de alegria por isso, e exclama:

*“Vinde, exultemos de alegria no Senhor,
aclamemos o Rochedo que nos salva!
Ao seu encontro caminemos com louvores,
E com cantos de alegria o celebremos!”⁴⁰⁴*

Isaías, olhando para a **nova Sião**, isto é, a Igreja, promete, por parte de Deus:

*“Porei em Sião uma pedra, uma pedra de granito,
pedra angular e preciosa,
uma pedra de alicerce bem firmada:
aquele que nela puser a sua confiança não será abalado.”⁴⁰⁵*

Os escritores do NT vêem a profecia realizada em Jesus Cristo (Cf Rm 9, 33; 1Pd 2, 6ss), e São Paulo o identifica com o Rochedo do deserto (Cf. 1Cor 10, 4).

Mais. São João, ao contemplar o soldado que traspassa com a lança o lado de Jesus crucificado (Cf. Jo 19, 34), pensa na **figura** do rochedo de Meriba de onde brotou água para o povo beber (Cf. Ex 17, 6; Nm 20, 10s), e vê em Jesus o **novo Rochedo** a dar-nos a água do Espírito Santo (Cf. Jo 7, 37ss; 19, 34).

O manancial salvífico

Jesus assegura os seus dizendo que “ninguém os arrebatará de sua mão” (Jo 10, 28), “nem da mão do Pai” (Jo 10, 29), e pode-se confiar nele porque “venceu o mundo” (Jo 16, 33).

Da Palavra de Deus, meditada e contemplada, nasce e se robustece a fé que, por sua vez, transforma-se em oração que Santa Teresa chama “*íntima relação de amizade, um entreter-se a sós com aquele com quem sabemos que nos ama*”.⁴⁰⁶

A Liturgia da Igreja é o fim da vida cristã

Esta é a idéia central da Catequese de S. Pedro aos primeiros cristãos, atribuindo-lhes as prerrogativas do antigo Israel constituído por Deus como “*um reino de sacerdotes e uma nação santa*” (Ex 19, 6), para celebrar a Páscoa de Javé, isto é, “*a sua passagem diante das casas dos filhos de Israel no Egito, ferindo os egípcios e livrando os israelitas*” (Ex 12, 27).

A isto deve-se acrescentar a **memória** da gloriosa travessia do mar Vermelho (Cf. Ex 15).

A salvação de Javé celebrava-se sob a forma de **Aliança** que Deus oferece livremente a Israel para fazer dele sua “*propriedade peculiar entre todos os povos*” (Ex 19, 5).

A Aliança era renovada, se não anualmente, pelo menos em certas épocas cruciais da história de Israel (Cf. Dt 27, 2-26) com a leitura solene da Lei (Cf. Dt 31, 9-13.24-27; 32, 45ss).

Em tal ocasião oferecia-se um **sacrifício pelo pecado**, chamado **holocausto**, em reconhecimento da supremacia divina; e oferecia-se ainda o **sacrifício de comunhão** (eucarístico), em ação de graças a Javé.

Seguia-se a **refeição sagrada**: o fiel come e bebe “*diante de Javé*” (Ex 24, 4-8; Dt 12, 18; 14, 26).

Embora a Aliança fosse outorgada ao povo todo e era celebrada comunitariamente, o piedoso israelita relacionava-se pessoalmente com o Senhor e sentia-se pessoalmente salvo por Ele (Cf. Dt 6, 12).

Antes de tomar posse da terra prometida, Josué renova solenemente a Aliança em Siquém e o povo retoma seu compromisso para com Javé numa forma tão consciente que, a distância de séculos, nos impressiona:

“Agora, pois, temei a Javé e servi-o com integridade e com sinceridade; lançai fora os deuses aos quais serviram os vossos pais... Porém, se não vos parece bem servir a Javé, escolhei hoje a quem quereis servir... Então o povo respondeu: ‘Longe de nós abandonarmos o Senhor para servirmos a outros deuses! O Senhor nosso Deus é aquele que nos fez subir, a nós e a nossos pais, da terra do Egito, da casa da escravidão, que fez estes grandes sinais diante de nossos olhos e nos guardou por todo o caminho que percorremos... É a Javé que serviremos.”⁴⁰⁷

O Salmista lembra que o gesto de **erguer o cálice sagrado** é um importante rito litúrgico de ação de graças ao Senhor.

“Que poderei retribuir ao Senhor Deus por tudo aquilo que ele fez em meu favor? Elevo o cálice da minha salvação, Invocando o nome santo do Senhor.”⁴⁰⁸

A nova Páscoa

Jesus celebrou a Páscoa judaica desde os doze anos (Lc 2, 41-51; Jo 2, 13-25; 6; 7; 13).

A última Páscoa judaica que celebrou na terra, Jesus quis que fosse particularmente solene. *“Antes da festa da Páscoa – escreve S. João – sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”* (Jo 13, 1), quer dizer, até ao extremo do amor.

E o evangelista Lucas:

*“Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: ‘Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer’.”*⁴⁰⁹

É a Páscoa do novo Cordeiro

No momento das bênçãos rituais destinadas ao pão e ao vinho Jesus enxerta a instituição da Eucaristia. Dando a comer o seu corpo e a beber o seu sangue derramado, o Senhor descreve a sua morte como o sacrifício da Páscoa nova da qual ele é o novo Cordeiro (Cf. Mc 14, 22-24).

Já não é preciso celebrar a páscoa de Moisés, nem imolar o cordeiro do antigo Êxodo (Cf. Ex 12), figuras que Jesus realiza.

Por um ato decisivo de sua vontade, o Senhor ordena aos seus:

*“Fazei isto em memória de mim.”*⁴¹⁰

*“Ele confiou a elementos o valor eterno de sua morte redentora, (...) consumou e fixou para os séculos esta homenagem de si mesmo e de todas as coisas a Deus constitui o específico da ‘religião’ e o essencial de sua obra salvífica: na sua pessoa oferecida na cruz, e na eucaristia, toda a humanidade e o universo que é sua moldura retornam ao Pai. Essa a riqueza da eucaristia, que a coloca no centro do culto cristão.”*⁴¹¹

Não fogue aos Liturgistas a riqueza única do Mistério Pascal celebrado na sagrada Liturgia da Igreja:

“Ele (JESUS CRISTO) é o verdadeiro Cordeiro, que tira o pecado do mundo. Morrendo, destruiu a morte, e, Ressuscitado, deu-nos a vida.”⁴¹²

“Ele continua a oferecer-se pela humanidade... Imolado, já não morre; E, morto, vive eternamente.”⁴¹³

E ainda: *“Vencendo a corrupção do pecado, realizou uma nova criação. E, destruindo a morte, garantiu-nos a vida em plenitude”*.⁴¹⁴

Enfim: *“Pela oblação de seu corpo, pregado na Cruz, levou à plenitude os sacrifícios antigos... revelando-se, ao mesmo tempo, sacerdote, altar e cordeiro”*.⁴¹⁵

Oferecendo-se pela nossa salvação, Jesus *“instituiu o Sacrifício da Nova Aliança e mandou que o celebrássemos em sua memória”*.⁴¹⁶

O Senhor quis que na santa Ceia *“a memória da Cruz salvadora permanecesse para sempre”* (**Prefácio da Eucaristia, II**).

É preciso, portanto, participar bem da Eucaristia, pois, *“todas as vezes que celebramos este sacrifício torna-se presente a nossa redenção”*.⁴¹⁷

Era precisamente isso que explicava S. Pedro a seus fiéis:

“Vós sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as maravilhas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa.”⁴¹⁸

É importante ter presente este princípio doutrinal do Vaticano II: “*Sua humanidade (de Jesus Cristo), na unidade da pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa salvação*” (SC, n. 5a.).

Daí o valor infinito das obras humanas do Redentor na terra. Quando o Senhor, me sua vida terrena, tocava nos leprosos e os curava, dava à vista aos cegos, chamava os mortos à vida, caminhava sobre as águas, mandava nos ventos e nas ondas do lago, era a **mão** do Verbo encarnado, a **voz** do Verbo encarnado, os **pés** do Verbo encarnado.

“a multidão queria tocá-lo, porque dele saía uma força que a todos curava.”⁴¹⁹

Com esta mesma **força** divina o Senhor opera na liturgia e nos sacramentos (SC 7 a). E para que as ações litúrgicas possam agir realmente em quem as celebra ou as recebe, é preciso ter a fé daquela senhora do Evangelho que sofria **um fluxo de sangue**, e dizia consigo mesma:

Se ao menos tocar as suas roupas, serei salva (Mc 5,28). De fato, Aproximou-se dele, por detrás, no meio da multidão, e tocou-lhe a roupa (...) E logo estancou a hemorragia. E ela sentiu no corpo que estava curada de sua enfermidade. Imediatamente, Jesus, tendo consciência da força que dele saía, voltou-se para a multidão e disse: ‘Quem tocou minhas roupas?’ Os discípulos disseram-lhe: ‘Estás vendo a multidão que te comprime e perguntas ‘Quem me tocou?’

‘Minha filha, a tua fé te salvou’ (Mc 5, 27.29.34).

Quem tocou minhas roupas?, pergunta o Senhor, quer dizer: **Quem fez este gesto de fé?** E foi salvo. A multidão, como tal, não pode **tocar**, pode comprimir, empurrar, mas não **tocar com fé**.

A veste, além de proteger o corpo contra as intempéries, aparece também como um **signal** da pessoa humana em sua identidade e sua **distinção**.

A carne humana de Jesus velava a sua Divindade.

Tratando da Presença de Cristo na Liturgia, o Concílio diz: “*Presente estás... sobretudo sob as ‘espécies eucarísticas’*” (SC 7a).

Assim, pois, “as espécies eucarísticas” são roupas do Senhor presente neste sacramento, que o localizam, o identificam e o distinguem quer dos outros sacramentos, quer do pão comum.

O mesmo se dá com os demais sacramentos.

Vejamos de que maneira fala deles a Constituição conciliar:

“Os sacramentos destinam-se à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo, e ainda ao culto a ser prestado a Deus.

Sendo sinais, destinam-se também à instrução. Não só supõem a fé, mas por palavras e coisas também a alimentam, a fortalecem e a exprimem.

Por esta razão são chamados sacramentos da fé. Conferem certamente a graça, mas sua celebração também prepara os fiéis do melhor modo possível para receberem frutuosamente a graça, cultuarem devidamente a Deus e praticarem a caridade.”

“É muito importante, portanto, que os fiéis compreendam com facilidade os sinais dos Sacramentos... instituídos para alimentar a vida cristã.”

“... a Liturgia dos Sacramentos... consegue para os fiéis bem dispostos que quase todo

acontecimento da vida seja santificado pela graça divina que flui do Mistério Pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, do Qual todos os Sacramentos...adquirem sua eficácia.”⁴²⁰

Os sacramentos são pois, mistérios, e não coisas ou gestos mágicos. Enquanto mistérios têm algo visível, experimental e, por isso, são chamados de sinais ou sacramentos.

São sinais de algo que escapa à experiência humana e à visibilidade, mas percebida pela fé. Eis por que supõem a fé inicial, que, por outro lado, a alimentam, a fortalecem e a exprimem, como diz o Concílio.

Por vontade de Cristo, seu instituidor, os sacramentos conferem certamente a graça, mas, para que esta seja frutuosa, aquele que os celebra ou os recebe deve estar preparado, sabendo o que está fazendo e dispor-se moral e espiritualmente.

Com uma bela expressão latina, ao antigos Teólogos diziam que no regime sacramental *Aliud videtur et aliud intelligitur*, se vê uma coisa, mas se pensa numa outra bem mais profunda e superior.

Assim aos olhos da fé, o Círio pascal é sinal de Cristo ressuscitado; a Pia batismal é o mar Vermelho ou o útero da Mãe Igreja ou o sepulcro do cristão; o Altar é a mesa da família de Deus, etc.

Ora, isto compreende-se por palavra e coisas que não de ser entendidas com facilidade, dizem os Padres conciliares.

Daí a necessidade da Catequese litúrgica e da Pastoral sacramental.

E não é este o método de Jesus e dos Apóstolos?

Em Mateus, por exemplo, o Senhor, após ter proclamado a Lei nova das Bem-aventuranças (Mt 5-7), realiza curas para introduzir os homens, atingidos pelo mal, na graça do Reino de Deus:

“Ao descer da montanha... um leproso se aproximou e se prostrou diante dele, dizendo: Senhor, se queres, tens poder para purificar-me. Ele estendeu a mão e, tocando-o disse: Eu quero, sê purificado. E, imediatamente ele ficou livre da sua lepra.”⁴²¹

É assim que se celebram os sacramentos: gestos acompanhados por palavras. Pode-se ver ainda a cura da sogra de Pedro (Mt 8, 14s), do paralítico (Mt 9, 2-8), de dois cegos (Mt 9, 27-30), do cego de nascença (Jo 9).

O Senhor *“enviou os Apóstolos – dizem os Padres do Vaticano II – ... (a) anunciarem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertou do poder de Satanás e da morte... mas ainda para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação através do Sacrifício e dos Sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica”* (SC, n. 6).

Os sacramentos são aqueles *braços de um rio que vêm trazer alegria à Cidade de Deus, à morada do Altíssimo*, como diz o Salmista (Sl 46 (45), 5).

Sua finalidade é glorificar o Pai e santificar os homens (Cf. SC, n. 7b; 59; 61).

Mas sua dignidade e eficácia lhes vêm do Autor deles e de seu Mistério Pascal de onde *flui a graça divina* (SC, n. 61).

Tem razão, portanto, Edward Schillebeeckx em definir Jesus Cristo como **Sacramento fontal**, quer dizer, a **fonte** da graça sacramental, e a Igreja como **Sacramento primordial**, isto é, o **primeiro** dos sacramentos.⁴²²

Atos do Verbo encarnado e atos da Igreja

Nem todas as celebrações que se fazem na Igreja, são portanto, litúrgicas, mas apenas aquelas que respondem a estas condições:

1. A instituição por parte de Cristo ou da Igreja;
 2. A realização em nome de Cristo e da Igreja;
-

3. Por pessoas que receberam uma deputação oficial e, para algumas celebrações, um poder ministerial;

4. A conformidade com as normas estabelecidas ou reconhecidas pela Sé Apostólica e contidas nos livros aprovados;

5. O fim destas ações sagradas deve ser o culto de adoração a Deus ou a honra de seus Santos (isto não exclui aqueles ritos sacramentais que parecem visar antes de tudo a santificação, porque a santidade é dada em vista do culto a Deus, e a vida santa já é louvor ao Senhor).

Permanecem fora da liturgia em sentido estrito todas as outras práticas de piedade, as orações mesmo públicas e os ritos religiosos não contidos nos livros litúrgicos. Todas essas ações sagradas que não têm as cinco condições exigidas simultaneamente, são chamadas *piadosos exercícios* (SC, n. 13) e são recomendados *conquanto conformes às leis e normas da Igreja*.⁴²³

Para sublinhar ainda mais as riquezas espirituais dos sacramentos, o Catecismo da Igreja Católica, além de apresentá-los como **sacramento de Cristo** (nn. 1114-1116), **sacramento da Igreja** (nn. 1117-1121) e **sacramentos da fé** (nn. 1122-1126), os apresenta ainda como **Sacramentos da salvação**, quer dizer:

*“conferem a graça que significam. São eficazes porque neles age o próprio Cristo... são necessários à salvação... o Espírito cura e transforma os que o recebem, conformando-os com o Filho de Deus.”*⁴²⁴

São chamados, enfim, **sacramentos da vida eterna**, porque:

*“Nos sacramentos de Cristo, a Igreja já recebe o penhor da herança dele, já participa da Vida Eterna...”*⁴²⁵

São conhecidos, por fim, como **sinais do Reino e sinais da nova Aliança**.

Cultura litúrgica – Mentalidade litúrgica

Sem resvalar num **panliturgismo**, é importante, porém, formar-se uma **cultura litúrgica**, uma **mentalidade litúrgica**, e até uma **espiritualidade litúrgica**.

Isto é recomendado pelo próprio Concílio na **formação sacerdotal nos Seminários**:

“os formandos aprendam a viver numa familiar e constante comunhão com o Pai por seu Filho Jesus Cristo no Espírito Santo (...). Habituem-se por isso a aderir a Ele (Cristo) como amigos mediante um íntimo consórcio de vida. De tal forma vivam Seu Mistério Pascal...”⁴²⁶

Os Presbíteros, por sua vez,

“procurando o melhor modo de transmitir a outros o que contemplaram (...) Como ministros da liturgia, (...) são convidados a imitar o que fazem.

Uma vez que celebram o mistério da morte do Senhor, procurem mortificar seus membros, abstendo-se dos vícios e das concupiscências. Na administração dos Sacramentos unem-se da mesma forma com a intenção e a caridade de Cristo.”⁴²⁷

Também aos Religiosos e Religiosas, após ter-lhes lembrado de alimentar sua vida espiritual nas “*puras fontes da espiritualidade cristã*” (PC, n. 6b), o Concílio recomenda-lhes que “*celebrem, segundo a mente da Igreja, de coração e boca a Sagrada Liturgia, sobretudo o sacrossanto mistério*

da Eucaristia, e, nesta fonte riquíssima, alimentem a vida espiritual” (Id).

*Para todos os fiéis, por fim, a Liturgia é **fonte inesgotável de vida espiritual e de santificação.***⁴²⁸

Epílogo

As pessoas que, na orientação de suas vidas buscam inspiração nas Sagradas Letras dão-se conta de que os caminhos apontados apresentam grandes dificuldades em termos de percurso. O Cristo-Senhor que definiu a si mesmo como Caminho, nunca enganou com falsas promessas. Para quem se dispunha a acolher seus ensinamentos ele deixou claro que é necessário renunciar a si, tomar a cruz e colocar-se no seguimento – na condição de discípulo. De acordo com sua indicação é preciso entrar pela porta estreita porque largo e espaçoso é o caminho que leva à perdição. A um jovem que se aproxima buscando caminhos de perfeição Jesus sugere que distribua seus bens aos pobres e coloque-se no Caminho.

Em face de tudo o que Ele propõe é mister a atitude de total desprendimento. Não há, nos gestos e nas atitudes de Jesus nenhum indício de complacência na dificuldade e no sofrimento. Mais ainda, em momento algum ele diz que as pessoas devam ser submetidas a qualquer espécie de privação.

À própria vida, em seu dinamismo de crescimento, implica sempre renúncias de toda espécie. Enfrentá-las com dignidade buscando plenitude constitui elemento essencial para quem deseja percorrer os caminhos espirituais do Senhor, seja com Paulo, Pedro, Inácio de Antioquia, Basílio de Cesaréia, João Crisóstomo, Agostinho de Hipona, Bento de Núrsia, Bernardo de Claraval, Domingos de Gusmão, Francisco de Assis, Francisco de Sales, Norberto, Teresa de Ávila, João da Cruz, Teresinha de Jesus....

Notas

- ¹ Mt 5, 48.
- ² Cf. 2Tm 3, 17.
- ³ Sl 23 (22), 2.
- ⁴ 1Cor 11,1.
- ⁵ 1Ts 1, 9.
- ⁶ OT n. 11a.
- ⁷ OT n. 9a.
- ⁸ Cf. *Sermões Litúrgicos, Sobre o Pentecostes*, 2ª ed, BAC, 1936.
- ⁹ Cf. Mt 13, 44.
- ¹⁰ Is 55,1.
- ¹¹ Cf. 2Sm 12, 10.
- ¹² Cf. G. Thils. *Santidade Cristã*, pp. IX-X.
- ¹³ Sl 63 (62), 4.
- ¹⁴ Jo 10, 10.
- ¹⁵ 2Pd 1, 4.
- ¹⁶ 1Jo 3, 1.
- ¹⁷ Jr 2, 13.
- ¹⁸ 1Jo 3, 2.
- ¹⁹ Jo 15, 5.
- ²⁰ 1Cor 9, 24-27.
- ²¹ Hb 12, 1.
- ²² Hb 12, 1-4.
- ²³ Eclo 31, 10.
- ²⁴ Is 24, 16.
- ²⁵ Os 2, 21-22.
- ²⁶ Ct 4, 1.
- ²⁷ Ct 4, 9.
- ²⁸ Ct 5, 2.
- ²⁹ Jo 14, 20c.
- ³⁰ Jo 16, 23.
- ³¹ Cf. Mt 5, 48.
- ³² Cf. 1Ts 4, 3.
- ³³ Ex 19, 6.
- ³⁴ Jr 1, 4-5.
- ³⁵ Mt 5, 48.
- ³⁶ Mt 13, 31-33.
- ³⁷ Cf, 2Cor 5, 17; Gl 6,15.
- ³⁸ Cf, 1Cor 1,1.
- ³⁹ Cf. Fl 1, 1.
- ⁴⁰ Cf. Cl 1, 2.
- ⁴¹ Rm 1, 7.
- ⁴² CIC, n. 2015.
- ⁴³ Lc 7, 47.
- ⁴⁴ Mt 21, 31.
- ⁴⁵ Cf. Albino do Menino Jesus, *Compendio di Teologia spirituale*, pp. 46-47.
- ⁴⁶ 1Tm 6, 16.
- ⁴⁷ Is 6, 3.
- ⁴⁸ Jo 17, 11.
- ⁴⁹ Ex 19.
- ⁵⁰ 2Sm 6, 7-11.
- ⁵¹ Ex 32, 14.
- ⁵² Os 11, 9.
- ⁵³ Is 10, 20; 17, 7; 41, 14-20.
- ⁵⁴ Lv 19, 2.
- ⁵⁵ Is 1, 4-20; Dt 6, 4-9.
- ⁵⁶ Sl 51 (50).
- ⁵⁷ Jr 31, 33s; 33, 37-41.
- ⁵⁸ Ez 16, 60.
- ⁵⁹ Ez 43, 23s.
- ⁶⁰ Ez 36, 27-28.
- ⁶¹ Lc 1, 35; Mt 1, 18.
- ⁶² Jo 8, 46; At 3, 14s; 4, 27.30; 1Pd 1, 22.
- ⁶³ Mt 3, 11; Lc 3, 16.

- ⁶⁴ Lc 1, 41-46. ¹⁰⁴ LG, n.41e.
- ⁶⁵ Lc 4, 33; Mc 1, 23-28. ¹⁰⁵ Id.
- ⁶⁶ Jo 2, 4; 12, 27. ¹⁰⁶ LG, n. 41f.
- ⁶⁷ Lc 22, 14s. ¹⁰⁷ Mt 5, 3-10.
- ⁶⁸ Jo 17, 19. ¹⁰⁸ 1Pd 5, 10.
- ⁶⁹ Jo 19, 30; 20, 22; At 2; Rm 5, 5; ¹⁰⁹ Cf. LG, n. 39.
- 6, 4; 8, 2.14-17. ¹¹⁰ Mc 12, 30.
- ⁷⁰ Rm 8, 1-2. ¹¹¹ Jo 13, 34; 15, 12.
- ⁷¹ 1Jo 2, 6. ¹¹² LG, n. 40.
- ⁷² Jo 13, 15. ¹¹³ Ef 5, 3.
- ⁷³ Jo 13, 34. ¹¹⁴ Cl 3, 12.
- ⁷⁴ LG, n 39. ¹¹⁵ Tg 3, 2.
- ⁷⁵ Id. ¹¹⁶ LG, n. 40b.
- ⁷⁶ Id. Ib. 1Tes 4, 3; Ef 1, 4. ¹¹⁷ LG, n.42a.
- ⁷⁷ LG, n. 40; Mt 5, 48. ¹¹⁸ 1Jo 4, 16.
- ⁷⁸ Cf. *Introdução à vida devota*, I, ¹¹⁹ 1Cor 13, 13; S. Teresa de Lisieux, *História de uma Alma*, Ed. Paulinas, 1979, n. 254.
- I. ¹²⁰ 1Jo 4, 7c.8c.
- ⁷⁹ LG, n. 39. ¹²¹ S. João da Cruz, *Subida ao Monte Carmelo*, 2, 5, 3-4.
- ⁸⁰ Gl 5, 22-23. ¹²² Santo Agostinho. *A natureza e a graça*, PL 44, 290.
- ⁸¹ Gl 5, 19-21. ¹²³ S. Th 2, 2, 184, 1.
- ⁸² LG, n.42 ab. ¹²⁴ G. Thils, *Santità Cristiana*, pp. 6-7.
- ⁸³ Id. ¹²⁵ Id. p. 13.
- ⁸⁴ LG, n.41b. ¹²⁶ Id. p. 14.
- ⁸⁵ LG, n.41c. ¹²⁷ Id. pp. 26.30.
- ⁸⁶ LG, n.41d. ¹²⁸ Jo 14, 145.
- ⁸⁷ Id. ¹²⁹ Jo 15, 14.
- ⁸⁸ LG, n.39; Cap. VI, nn. 43-47. ¹³⁰ Mt 7, 21.
- ⁸⁹ LG, n.41e. ¹³¹ Albino do Menino Jesus, Op. cit, 1, p. 412.
- ⁹⁰ LG, n. 41f. ¹³² S. Th., 2, 2, 24, 6.
- ⁹¹ LG, n. 42a. ¹³³ 1Cor 13, 1-3.
- ⁹² Id. ¹³⁴ Mt 22, 39.
- ⁹³ Id. ib. ¹³⁵ 1Jo 4, 20.
- ⁹⁴ Id. Ibidem. ¹³⁶ Jo 13, 34.
- ⁹⁵ Ibidem. ¹³⁷ Jo 13, 35.
- ⁹⁶ Ibidem. ¹³⁸ Jo 17, 23.
- ⁹⁷ Ibidem. ¹³⁹ Mt 25, 31-46.
- ⁹⁸ LG, n. 41b. ¹⁴⁰ Ez 36, 26-27.
- ⁹⁹ LG, n. 41c. ¹⁴¹ Jo 15, 13.
- ¹⁰⁰ Ritual de Ordenação de Presbíteros: Exortação Inicial, n. 123.
- ¹⁰¹ Id.
- ¹⁰² LG, n. 41d.
- ¹⁰³ Id.

- ¹⁴² Rm 5, 7.
¹⁴³ Rm 5, 8.6.
¹⁴⁴ Jo 15, 5.
¹⁴⁵ At 1, 8.
¹⁴⁶ Jo 16, 13; 21, 15-19.
¹⁴⁷ Jo 21, 17.19.
¹⁴⁸ Rm 5, 5.
¹⁴⁹ Carlos Carreto, *O Deus que vem*, pp. 181-183.185-186; Ed. Paulinas, 1976.
¹⁵⁰ Cardeal L. J. Suenens, *Vie Quotidienne Vie Chrétienne*. Trad.. it.: *Vita quotidiana Vita cristiana*. Ed. Paoline, p. 94, 1963.
¹⁵¹ 1Jo4, 21.
¹⁵² S. Th. 2, 2, 184, 3.
¹⁵³ Ef 1, 3-4.
¹⁵⁴ CIC, n. 1811.
¹⁵⁵ CIC, n. 1803.
¹⁵⁶ CIC, n. 1804.
¹⁵⁷ CIC, n. 1810.
¹⁵⁸ Moral Eclesiástica in CIC, n. 1809.
¹⁵⁹ Mt 19, 16.17.
¹⁶⁰ Is 14, 12-15.
¹⁶¹ Ap 12, 7-8.
¹⁶² Gn 3, 1.
¹⁶³ Sb 2, 24.
¹⁶⁴ Gn 2, 17.
¹⁶⁵ Gn 3, 3.
¹⁶⁶ Gn 3, 4b-5.
¹⁶⁷ Gn 3, 6-7.
¹⁶⁸ Gn 3, 3.
¹⁶⁹ Gn 1, 26s.
¹⁷⁰ Cf. Sb 2, 23.
¹⁷¹ Cf. Rm 7, 10.
¹⁷² Gn 3, 4s.
¹⁷³ Cf. Gn 3, 23.
¹⁷⁴ Cf. Gn 2, 25.
¹⁷⁵ Cf. Gn 3, 8.
¹⁷⁶ Cf. Gn 3, 22.
¹⁷⁷ Cf. Gn 2, 18.
¹⁷⁸ Gn 2, 33.
¹⁷⁹ Gn 3, 16.
¹⁸⁰ Cf. Gn 4, 8.
¹⁸¹ Cf. Gn 4, 24.
¹⁸² Cf. Gn 3, 15.
¹⁸³ Cf. Rm 12, 21.
¹⁸⁴ Cf. Rm 5, 19.
¹⁸⁵ Cf. Rm 7, 14.
¹⁸⁶ Br 3, 34s.
¹⁸⁷ Cf. Gn 12, 4.
¹⁸⁸ Cf. Gn 22, 6.
¹⁸⁹ Carlos Carreto. *O Deus que vem*, p. 36, obra citada.
¹⁹⁰ Ez 36, 27s.
¹⁹¹ Rm 5, 19.
¹⁹² CIC, n. 1065.
¹⁹³ Fl 2, 5-11.
¹⁹⁴ LG, n. 41 a.
¹⁹⁵ Mt 19, 11; 1Cor 7, 7.
¹⁹⁶ LG, n. 42 "c" e "d".
¹⁹⁷ Sl 143 (142), 10.
¹⁹⁸ Cf. Is 1, 10; Jr 7, 2; Am 3, 1; Mc 4, 3.
¹⁹⁹ Cf. Dt 6, 4.
²⁰⁰ Cf. Gl 6, 16.
²⁰¹ Cf. Jo 4, 26.
²⁰² Cf. At 16, 14.
²⁰³ Mt 7, 24ss; Lc 11, 28.
²⁰⁴ Mt 25, 1-30; Lc 19, 12-27.
²⁰⁵ Hb 1, 1-2.
²⁰⁶ Cf. CIC, n. 580.
²⁰⁷ Cf. Jr 31, 33.
²⁰⁸ Mt 5, 21-22.
²⁰⁹ Jo 13, 15.
²¹⁰ Jo 6, 38.
²¹¹ Jo 14, 26.
²¹² Mt 6, 10.
²¹³ Lc 6, 12.
²¹⁴ Ex 19.
²¹⁵ Ex 24; 32; 33.
²¹⁶ Ex 20.
²¹⁷ 1Rs 17, 2-6; 19.
²¹⁸ Js 6.
²¹⁹ Cf. At 22, 17-18. 21; 23, 11; 27, 23-24; 2 Cor 12, 9.
-

- ²²⁰ PO, n. 13.
²²¹ Sétimas Moradas, C. IV, Ed. Carmelo, 1962.
²²² Da Introdução à Vida Devota I, cap. 3 in *Liturgia das Horas*, III, pp. 1204 ss, Vv. Ed. 1996.
²²³ RB, n. I, 9.
²²⁴ Rm 13, 10.
²²⁵ CIC, n. 1827.
²²⁶ 2Cor 9, 7.
²²⁷ Jo 18, 29-30; 19, 7.
²²⁸ Jo 15, 25.
²²⁹ Jo 7, 7.
²³⁰ Cf. Jo 8, 46.
²³¹ 1Jo 2, 9.
²³² Lc 8, 46.
²³³ Jo 8, 1-7.
²³⁴ Cf. Mt 5, 8.
²³⁵ Tg 3, 13-18; 4, 1-12.
²³⁶ Gn 5, 22, 24; 6, 9.
²³⁷ Dt 6, 14.
²³⁸ Xavier Léon-Dufour, SJ, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. 1091.
²³⁹ Cl 3, 14.
²⁴⁰ Cf. Tt 1, 15.
²⁴¹ Cf. Mt 18, 3.
²⁴² Mt 10, 16.
²⁴³ 2Cor 12, 7-9.
²⁴⁴ Ex 23, 29s.
²⁴⁵ 2Cor 12, 10.
²⁴⁶ 1Pd 2, 21-23.
²⁴⁷ Lc 24, 26.
²⁴⁸ Mt 16, 24; Lc 9, 23s.
²⁴⁹ At 14, 21.
²⁵⁰ Jo 15, 1-2.
²⁵¹ Jt 8, 27.
²⁵² 1Cor 10, 31.
²⁵³ Sb 8, 7.
²⁵⁴ Rm 12, 3.
²⁵⁵ 1Pd 1, 13.
²⁵⁶ SC, n. 5.
²⁵⁷ Gn 3, 15.
²⁵⁸ Dt 28, 3-8; Jr 33,11; Eccl 9, 9;
Ecl 31, 27.
²⁵⁹ Cântico dos Cânticos.
²⁶⁰ Sl 95 (94), 1-2.
²⁶¹ Ex 15, 1-3.
²⁶² Sl 118/117, 5-9.14-15.
²⁶³ Sl 42/41,4d.
²⁶⁴ Sl 42/41, 2-3.5-9.
²⁶⁵ Sl 118/117, 21.
²⁶⁶ Sl 43/42, 4.
²⁶⁷ Ex 32, 4.
²⁶⁸ Is 45, 15.
²⁶⁹ Dt 6, 12-13.
²⁷⁰ Gl 5, 22.
²⁷¹ Mt 6, 25-34.
²⁷² Id.
²⁷³ Mt 6, 14.
²⁷⁴ 1Tm 6, 7-8.
²⁷⁵ 1 Tm 6, 10.
²⁷⁶ Lc 12, 13.
²⁷⁷ Jo 16, 6.
²⁷⁸ Lc 1, 41.44; 2, 10.13s; Jo 3, 29; t 13, 44.
²⁷⁹ Jo 16, 6.
²⁸⁰ Jo 16, 21-22.
²⁸¹ Jo 16, 23.
²⁸² Jo 17, 13.
²⁸³ At 4, 34s.
²⁸⁴ At 2, 43-44.
²⁸⁵ At 5, 33.41.
²⁸⁶ Mt 25, 24-30; Lc 19, 20-26.
²⁸⁷ Mt 21, 28.
²⁸⁸ Fl 2, 13.
²⁸⁹ 1Cor 3, 9.
²⁹⁰ 2Cor 9, 10.
²⁹¹ Mt 20, 8.
²⁹² Fl 3, 10.
²⁹³ 2Cor 6, 10.
²⁹⁴ 1Pd 4, 13.
²⁹⁵ Fl 4, 4-7.
²⁹⁶ Jo 8, 29.
²⁹⁷ 1Cor 10, 31.
²⁹⁸ CIC, n. 1752.
²⁹⁹ CIC, n. 1754.
³⁰⁰ SC, n. 30.
-

- ³⁰¹ RB, cap. 6.
³⁰² RB, cap. 4.
³⁰³ Pr 18, 21.
³⁰⁴ Is 45, 15.
³⁰⁵ Ex 3, 4.
³⁰⁶ 1Sm 3, 1-2.4.10.
³⁰⁷ Lc 18, 11-12.
³⁰⁸ Gn 18, 27.
³⁰⁹ Lc 5, 4-6.8.
³¹⁰ Sl 123 (122), 2.
³¹¹ Mt 5, 3.
³¹² 1Cor 7, 31.
³¹³ Mc 10, 14.
³¹⁴ Sl 119 (118), 151.
³¹⁵ At 17, 28.
³¹⁶ Jo 14, 23.
³¹⁷ 1Cor 3, 16-17; 6, 19.
³¹⁸ Sb 1, 4.
³¹⁹ Gn 17, 1.
³²⁰ Mq 6, 8.
³²¹ Sl 116 A (114).
³²² Gl 2, 20.
³²³ Fl 3, 7.
³²⁴ Rm 8, 31-39.
³²⁵ Jo 14, 14; Mt 11, 29; Jo 14, 6.
³²⁶ Jo 15, 23.
³²⁷ Gl 2, 20a
³²⁸ A. Royo Marin. *Teologia della perfezione cristiana*, cap. II, p. 47, 6ª ed. Paoline, Roma, 1965.
³²⁹ Os 6, 6; Mt 9, 13.
³³⁰ Mt 15, 8; Is 29, 13.
³³¹ Mt 6, 1-18.
³³² 1Cor 13.
³³³ Ex 5, 2.
³³⁴ Gn 3, 5.22.
³³⁵ 1Tm 3, 16.
³³⁶ Tt 2, 11-12.
³³⁷ Lc 1, 78.
³³⁸ Gl 4, 6; Rm 8, 15.
³³⁹ Mc 12, 33; Dt 6, 4.
³⁴⁰ Jo 14, 1.
³⁴¹ Jo 8, 24 | Ex 3, 14.
³⁴² Jo 8, 28.58; 13, 19.
³⁴³ Jo 12, 23ss.
³⁴⁴ Jo 15, 5.
³⁴⁵ Jo 17, 3.
³⁴⁶ 1Jo 2, 4.6.
³⁴⁷ Is 55, 8.
³⁴⁸ Mq 6, 8.
³⁴⁹ Ex 20, 2-3.
³⁵⁰ 1Sm 12, 23; 1Rs 8, 36.
³⁵¹ Pr 8, 20; 12, 28.
³⁵² Tb 1, 3.
³⁵³ Is 59, 8; Lc 1, 79.
³⁵⁴ Pr 2, 19; 5, 6; 6, 23; 15, 24.
³⁵⁵ Lv 19, 2.
³⁵⁶ 1Jo 1, 1.
³⁵⁷ Mc 1, 17-20; 2, 14.
³⁵⁸ Hb 5, 9.
³⁵⁹ 1Cor 5, 7.
³⁶⁰ Missal Romano, Prefácio da Páscoa I.
³⁶¹ Ef 4, 24; 2Cor 5, 17.
³⁶² Ef 4, 24.
³⁶³ Rm 6, 4.
³⁶⁴ Id. 5, 2.
³⁶⁵ Mt 10, 36; Mq 7, 6.
³⁶⁶ Rm 7, 15-18.
³⁶⁷ Gn 3, 10.
³⁶⁸ Gn 2, 25.
³⁶⁹ Gn 6, 5.
³⁷⁰ Cf. Eclo 44, 16.
³⁷¹ Rm 1, 18.
³⁷² S. Th. 3.1.3 ad. 3, in CIC, n. 412.
³⁷³ Gn 3, 15.
³⁷⁴ Rm 12, 21.
³⁷⁵ Xavier Léon-Dufuor, S.J., *Vocabulário de Teologia Bíblica*.
³⁷⁶ Gn 18, 17. Carlos Carreto, *O Deus que vem*, Ed. Paulinas, 1976, p. 36.
³⁷⁷ Carlos Carreto, *O Deus que vem*. Ed. Paulinas, SP, 1976, p.76.
³⁷⁸ Ben Sirac 27, 30-28, 7.
³⁷⁹ Cf. Dt 10, 18s.
³⁸⁰ Carreto, C. *O Deus que vem*. Ed. Paulinas, SP, 1976, pp. 12-13.
-

- ³⁸¹ Carreto, C. *O Deus que vem*. Ed. Paulinas, SP, 1976, id.
- ³⁸² Dom Emiliano Lucchesi, O.S.B.V., *São João Gualberto*, Empreza Gráfica Tietê S. A., São Paulo, 1956, pp. 9-10.
- ³⁸³ Emiliano, Luchesi, OSBV. *S. João Gualberto*. Empresa Gráfica Tietê S.A. São Paulo, 1956, p.10-11.
- ³⁸⁴ 1Jo 3, 11-16.
- ³⁸⁵ SC, n. 10; UR, n. 3.
- ³⁸⁶ DP, n. 4.
- ³⁸⁷ DV, n. 12 – A expressão é de Santo Agostinho, *A Cidade de Deus* 17, 6, 2: PL 41, 537.
- ³⁸⁸ Ibidem 2.
- ³⁸⁹ Cf. S. Jerônimo, *Comentário sobre Isaías, Prol.: PL 24, 17*.
- ³⁹⁰ DV, n.5.6a.
- ³⁹¹ DV, n. 7a.
- ³⁹² Id.
- ³⁹³ Cf. DV, n. 6b.
- ³⁹⁴ DV, n.8c.
- ³⁹⁵ Id.
- ³⁹⁶ DV, n. 25 a.; cf. S. Ambrósio, *Os ofícios dos ministros* I, 20, 88: PL 16, 50.
- ³⁹⁷ SI 19 (18)A, 2.
- ³⁹⁸ SI 104 (103), 1.
- ³⁹⁹ Dn 3, 57-64.
- ⁴⁰⁰ SI 95 (94), 10-11.
- ⁴⁰¹ SI 64 (63), 2.
- ⁴⁰² SI 61 (60), 3-4.
- ⁴⁰³ Ex 15, 1-2.
- ⁴⁰⁴ SI 95 (94), 1-2.
- ⁴⁰⁵ Is 28, 16.
- ⁴⁰⁶ *Livro da Vida, Obras Completas*, Ed. Carmelo, 1978, VIII, 5.
- ⁴⁰⁷ Js 24, 14-21.
- ⁴⁰⁸ SI 116B (115), 12-13.
- ⁴⁰⁹ Lc 22, 19.
- ⁴¹⁰ Lc 22, 19.
- ⁴¹¹ Xavier Léon-Dufour, S.J., *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. 313.
- ⁴¹² Missal Romano, Ed. Típica, Prefácio da Páscoa I.
- ⁴¹³ Id. Prefácio da Páscoa III.
- ⁴¹⁴ Missal Romano, Ed. Típica, Prefácio da Páscoa IV.
- ⁴¹⁵ Id. Prefácio da Páscoa V.
- ⁴¹⁶ Id. Prefácio da Eucaristia I.
- ⁴¹⁷ Missa de Nosso Senhor Jesus Cristo, sumo e eterno sacerdote, Oração sobre as ofertas.
- ⁴¹⁸ 1Pd 2, 9.
- ⁴¹⁹ Lc 6, 19.
- ⁴²⁰ SC, nn. 59.61.
- ⁴²¹ Mt 8, 1-3.
- ⁴²² Cristo Sacramento do Encontro com Deus, Ed. Vozes, 1967, pp. 22-23.
- ⁴²³ Edward Schillebeeckx. *Cristo, Sacramento do encontro com Deus*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1967, p. 22-23.
- ⁴²⁴ CIC, nn. 1127-1129.
- ⁴²⁵ CIC, n. 1130.
- ⁴²⁶ OT, n. 8a.
- ⁴²⁷ PO, n. 13.
- ⁴²⁸ SC, n. 10.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Bernardo, Santo. *Sermões Litúrgicos – Sobre o Pentecostes*, 2ª. Edição, BAC, Madrid, 1936.
- Boaventura, Santo. *Itinerário da mente para Deus*. Vozes, Petrópolis, 1983.
- Carreto, C. *O Deus que vem*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1976.
- Lisieux, T. *História de uma Alma*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1979.
- Lucchesi, E. S. *João Gualberto*, Empresa Gráfica Tietê S. A., São Paulo, 1956.
- Marin, A. R. *Teologia della perfezione cristiana*, 6ª. Ed., Ed. Paoline, Roma, 1965.
- Schillebeeckx, E. *Cristo sacramento do encontro com Deus*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1967.
- Suenens, L. J. *Vie Quotidienne vie chrétienne*, Ed. Paoline, Roma, 1963.

INDICE DAS ABREVIATURAS TEXTOS DA SAGRADA ESCRITURA

NOVO TESTAMENTO

Mt	Evangelho de S. Mateus
Mc	Evangelho de São Marcos
Lc	Evangelho de São Lucas
Jo	Evangelho de São João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Epístola aos Romanos
1 Cor	1ª Epístola aos Coríntios
2 Cor	2ª Epístola aos Coríntios
Gl	Epístola aos Gálatas
Ef	Epístola aos Efésios
Fl	Epístola aos Filipenses
Cl	Epístola aos Colossenses
1 Ts	1ª Epístola aos Tessalonicenses
2 Ts	2ª Epístola aos Tessalonicenses
1 Tm	1ª Epístola a Timóteo
2 Tm	2ª Epístola a Timóteo
Tt	Epístola a Tito
Fm	Epístola a Filêmon
Hb	Epístola aos Hebreus
Tg	Epístola a Tiago
1 Pd	1ª Epístola de Pedro
2 Pd	2ª Epístola de Pedro
1 Jo	1ª Epístola de São João
2 Jo	2ª Epístola de São João

3 Jo	3ª Epístola de São João
Jd	Epístola de Judas
Ap	Livro do Apocalipse de São João (Revelação)

ANTIGO TESTAMENTO

Gn	Gênesis
Ex	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1 Sm	1 Samuel
2 Sm	2 Samuel
1 Rs	1 Reis
2 Rs	2 Reis
1 Cr	1 Crônicas
2 Cr	2 Crônicas
Esd	Esdras
Ne	Neemias
Tb	Tobias
Jdt	Judite
Est	Ester
1 Mc	1 Macabeus
2 Mc	2 Macabeus
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pr	Provérbios
Ecl	Eclesiastes (Coélet)
Ct	Cântico dos Cânticos
Sb	Sabedoria
Eclo	Eclesiástico (Sirácida)

Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações
Br	Baruc
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oséias
Jl	Joel
Am	Amós
Ab	Abdias
Jn	Jonas
Mq	Miquéias
Na	Naum
Hb	Habacuc
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

N.A.: Os textos foram tomados da Bíblia Sagrada, tradução dos originais, mediante a versão dos Monges de Maredsous pelo Centro Bíblico Católico (24^a. Edição), Editora Ave Maria Ltda., São Paulo – Brasil; e da Bíblia Sagrada, tradução dos textos originais, dirigida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, Edições Paulinas, São Paulo.

**CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II
(CONSTITUIÇÕES – DECRETOS –
DECLARAÇÕES)**

AA	APOSTOLICAM ACTUOSITATEM – O APOSTOLADO DOS LEIGOS
AG	AD GENTES – A ATIVIDADE MISSIONÁRIA DA IGREJA

CD	CHRISTUS DOMINUS – O MÚNUS PASTORAL DOS BISPOS NA IGREJA
DH	DIGNITATIS HUMANAE – A LIBERDADE RELIGIOSA
DV	DEI VERBUM – A REVELAÇÃO DIVINA
GE	GRAVISSIMUM EDUCATIONIS – A EDUCAÇÃO CRISTÃ
GS	GAUDIUM ET SPES – A IGREJA NO MUNDO DE HOJE
IM	INTER MIRIFICA – OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
LG	LUMEN GENTIUM – A IGREJA
NA	NOSTRA AETATE – AS RELAÇÕES DA IGREJA COM AS RELIGIÕES NÃO-CRISTÃS
OE	ORIENTALIUM ECCLESiarUM – AS IGREJAS ORIENTAIS
OT	OPTATAM TOTIUS – A FORMAÇÃO SACERDOTAL
PC	PERFECTAE CARITATIS – A ATUALIZAÇÃO DOS RELIGIOSOS
PO	PRESBYTERORUM ORDINIS – O MINISTÉRIO E A VIDA DOS PRESBÍTEROS
SC	SACROSSANCTUM CONCILIUM – A SAGRADA LITURGIA
UR	UNITATIS REDINTEGRATIO – O ECUMENISMO

N.A.: Os textos foram extraídos do Compêndio do Vaticano II, Constituições, Decretos, Declarações, 5ª Edição, Editora Vozes Ltda., Petrópolis.

VÁRIAS

<i>BR</i>	BREVIÁRIO ROMANO
<i>Cf.</i>	CONFERIR
<i>CIC</i>	CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA
<i>Ench. Myster.</i>	EÚCHARISTICUM MYSTERIUM
<i>LH</i>	LITÚRGIA DAS HORAS
<i>MR</i>	MISSAL ROMANO
<i>Myst. Corp.</i>	MYSTICI CORPORIS
<i>RB</i>	REGRA DE SÃO BENTO (BENEDITINA)
<i>RO</i>	RITUAL DE ORDENAÇÃO
<i>RR</i>	RITUAL ROMANO
<i>RRa</i>	RITUAL ROMANO ANTIGO
<i>S.</i>	SANTO
<i>Serm.</i>	SERMÃO
<i>Sm.Th</i>	SUMMA THEOLOGICA

Sumário

Introdução: “Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação”	9
“Se conhecesses o Dom de Deus!”	11
“Cristo descobre ao homem a sua altíssima vocação”	19
“Ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, justo, puro, amável, honroso, virtuoso”.	39
“Dei-vos o exemplo... fazei como eu fiz”.	65
“Estão em ti as nossas fontes”	85
Epílogo	103
Notas	105
Referência Bibliográfica	111
Índice das Abreviaturas Textos da Sagrada Escritura	113